

# Mobilização Popular Para Barrar a Conciliação e Derrotar Golpe "Gorila"

## NOVOS RUMOS

ANO V — Rio de Janeiro, semana de 12 a 18 de abril de 1963 — Nº 216

A Crise Político-Militar em Detalhes

# Kruel Comanda o Golpe

Leia ampla reportagem na 8ª página



Acentuaram-se, nos últimos meses, as concessões do govêrno do sr. João Goulart ao imperialismo e à reação. Foi aprovado o Plano Trienal, acolhido com "simpatia" pelo F.M.I. Depois do escandaloso empréstimo à IT&I e da vergonhosa negociação com a Bond and Share, esteve em Washington a Missão San Tiago Dantas, com novas concessões no bônus e com o pires na mão. Feito um acordo, mesquinho do ponto de vista da "ajuda" em dólares, ficou claro que o govêrno lanque procura manter as redes curtas. Quer conservar nasso país numa situação de permanentes dificuldades cambiais. Espera, assim, manter a dependência a que o govêrno brasileiro, nesse terreno, se submete, assegurando a continuação da atual política econômica e financeira, garantindo o cumprimento das promessas feitas pela Missão Dantas e obter outras vantagens. Já estão para chegar os representantes do F.M.I. para novos "entendimentos". (Diga-se, entre parêntesis, que o "exame" que êsses senhores vêm fazer em nossa situação interna, como um périto examina, em nome dos credores, a contabilidade de uma empresa falida ou em concordata, constitui atentado à nossa soberania e insulto à dignidade de nosso povo, que deve repeli-lo com vigor semelhante afronta, não permitindo que ela se concretize).

Na mesma linha de acentuadas concessões às exigências do imperialismo e da reação, o sr. João Goulart tira de seu gabinete alguns auxiliares imediatos, considerados homens de esquerda ou comunistas, e toma medidas contra a realização do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba. Ao mesmo tempo, estreita sua aliança com os reacionários do PSD e afasta os elementos mais radicais do PTB.

As consequências dessa política, de conciliação com o imperialismo e a reação de concessões mais acentuadas, tornam-se cada vez mais evidentes. Até março, o custo de vida subiu, êste ano, 16%. Em idêntico período, no ano passado, tinha subido 8%. E o Plano Trienal previa um aumento de apenas 3% até o fim de 1963. ... Setores do comércio e da indústria já sofrem o impacto da restrição de créditos. Começam dispersar-se em massa de operários. Por outro lado, avolumam-se as ameaças às liberdades democráticas. E a tendência ao fechamento dessa situação, no terreno econômico-financeiro e no terreno político.

Essa é o caminho contrário aos interesses de nosso povo. Os problemas essenciais, como as reformas de base, continuam sem solução. No Parlamento, os conchavos com o PSD levam a que até mesmo o projeto de reforma agrária apresentado pelo govêrno, merecedor de muitos reparos para atender às exigências das massas camponesas e do conjunto da Nação, esteja ameaçado de tornar-se ainda pior, transforman-

do-se num simples instrumento de enriquecimento dos próprios latifundiários. E as grandes massas trabalhadoras enfrentam condições de vida cada vez mais penosas. Mas essa é uma face apenas da moeda. Porque também é certo que se elevam — e tendem a intensificar-se — as lutas contra essa situação e pela exigência de solução efetiva para os problemas nacionais, pela realização das reformas de base. As forças nacionalistas e democráticas se fortalecem e avançam.

Os últimos acontecimentos, que atingiram e alcançaram seu ponto crítico na área político-militar, correspondem a uma tentativa do sr. João Goulart de alterar o sistema de forças em que vem se apoiando até agora. Em que sentido? No sentido de isolar os setores mais combativos do movimento nacionalista e democrático, dividindo-o e enfraquecendo-o, e de montar um sistema de forças dito "centrista", mas cuja coloração direitista e reacionária surge evidente. O passo principal constituía em golpear os elementos patrióticos das Forças Armadas, em primeiro lugar o general Osvaldo Alves, montando outro "dispositivo", apoiado principalmente no general Kruel, de conhecida formação reacionária e de não menos conhecidas ligações com a gorilagem civil e militar. E isto, com que objetivo? Com o objetivo de conter as lutas de massas, de barrar o avanço das forças populares e progressistas e assegurar condições para aplicação da atual política econômico-financeira, para as concessões ao imperialismo e à reação, para o engodo de "reformas" que mantenham intactos os privilégios do latifúndio e dos monopólios norte-americanos. Em poucas palavras: com o objetivo de prosseguir conciliando com os inimigos de nosso povo, já agora através de compromissos acentuadamente mais danosos.

As manobras reacionárias, embora apresentadas como um golpe no ultragorila Lacerda, não ludiram a vigilância dos setores mais consequentes da frente única. A resistência do general Osvaldo Alves e a atuação do movimento sindical, através do CGT, foram fatores decisivos no desbaratamento das manobras.

A luta, entretanto, continua e irá recrudescer. É necessário, então, necessário que, mais articuladas, organizadas e unidas, as forças nacionalistas e democráticas se mobilizem e atuem. A ação concreta das massas, pelas suas reivindicações imediatas, pela realização das reformas de base, em defesa das liberdades democráticas, contra a política de conciliação do govêrno, contra qualquer gorilagem, não apenas impedirá que a vida política do País sofra um retrocesso, mas fará com que avance um acordo com os interesses de nosso povo e da Nação.

**Reforma Agrária: Como Deve Ser**

Artigo de Lindolpho Silva, na 4ª página

**Querem Acabar Caminhão Fenemê**

Operários da FNM denunciam, na 2ª página

**Usineiros Sonegam Açúcar: Denúncia**

Leia matéria na 2ª página

**Sargento Garcia: Kruel é Golpista**

Leia na 2ª página

**CGT de Fato e de Direito**

Leia na 7ª página



**O Nôvo Balé Soviético**  
**Ferrovários: Manifesto Sobre a Crise**

Artigo de Igor Moisseiev, na 5ª página

Íntegra na 2ª página

**AGUARDE NOVOS RUMOS**  
EDIÇÃO DE MINAS GERAIS!  
DIA 27 DE ABRIL

Operários denunciam:

Trustes Querem Acabar Com o Caminhão Fenemê

"Funcionando praticamente apenas seis meses por ano, em regime de compra e venda administrativo, a Fábrica Nacional de Motores está ameaçada de um sério colapso em suas atividades, o que redundaria em grande prejuízo para a economia nacional..."

O CAOS

"Quando assumiu a superintendência da fábrica — afirmam os trabalhadores — o dr. Aulio B. Peixoto comprometeu-se a colocar a administração em ordem. Passados muitos meses de sua gestão, verificamos que não é bem isso o que vem ocorrendo. A fábrica conta com cinco mil e duzentos operários, dos quais mais da metade é constituída de burocratas. Quase diariamente é dispensado um trabalhador, sendo freqüente, em contrapartida, a admissão de novos burocratas..."

"A situação no setor industrial é definida pelos trabalhadores como cómica: os cargos mecânicos são ocupados por engenheiros civis; na manutenção de autoveículos atua um engenheiro agrônomo; a inspeção também é comandada por engenheiros civis; e o que menos há é engenheiros mecânicos e metalúrgicos..."

PEÇAS «MORTAS»

As dependências da fábrica são um verdadeiro cemitério de peças inaproveitáveis, peças mortas na linguagem local. A esse respeito a comissão de operários revela: "No depósito "B" existem milhares de peças mortas vindas de São Paulo e de...

Itália e recebidas como perfeitadas pela inspeção. No subsolo da fundição jazem quatro mil e oitocentos eixos de manivela que já vieram de feltuosos da Europa. Há poucos dias o superintendente, para suprir uma necessidade, mandou vir da Itália cem cabeçotes. Desses, apenas trinta e sete foram aproveitados, tendo ficado claro que os cabeçotes feitos na fábrica são melhores do que os italianos. No pátio da Prefeitura de Duque de Caxias estão abandonadas dezenas de máquinas que vieram há anos, dos Estados Unidos. Outras, que chegaram recentemente da Alemanha, estão enferrujando em Brasília. Contrastando com esses excessos, muitas vezes tem acontecido a permissão de uma seção inteira sem falta de ferramenta. Alguns setores já pararam até pela inexistência de um parafuso, ou de um simples prego. Ainda na semana passada a serralaria deixou de funcionar porque não havia carbureto..."

OPERÁRIOS NÃO TEM VEZ

"Não são poucas, nem de hoje, as reivindicações dos operários" — continuam os trabalhadores.

"Quando assumiu a superintendência, o dr. Aulio B. Peixoto prometeu atendê-las. Como nenhuma providência tomou nesse sentido realizamos, dia 2 do corrente, uma greve de advertência. Foi o suficiente para que ele nos recebesse em seu gabinete e reiterasse as suas promessas. Logo no dia seguinte, porém, começaram a circular rumores de que o Superintendente seria afastado, exatamente por ter prometido lutar pelo nosso...

rearranqueamento. Além, seria essa a primeira medida que o dr. Aulio B. Peixoto tomaria em defesa dos operários, pois a sua atuação tem sido até agora voltada a criar dificuldades e restrições às atividades da delegação sindical da empresa. O diretor-operário da fábrica é um coronel do Exército, que atende pelo esquisito nome de Futuro. Esse senhor não pode ser tido precisamente como um representante dos trabalhadores, já que apenas nos tem prejudicado. Ele é o mesmo que há alguns anos andava, numa atitude própria de alcaide, de caderneta em punho, anotando e denunciando os operários que incorressem eventualmente em alguma falta ou transgressão, por mais insignificante que fosse. As eleições para diretor-operário da companhia não apontaram propriamente o coronel Futuro como vencedor: ele foi posto no cargo pelo ex-presidente João Quadros, que não reconheceu os direitos legítimos de um nosso companheiro que havia sido escolhido pelos trabalhadores..."

CASA: QUEM PAGA E QUEM TEM

Os operários falam agora de suas moradas, e das de alguns diretores da empresa:

"Os trabalhadores pagam atualmente nove mil e duzentos cruzeiros pelo aluguel de uma casa, e doze mil cruzeiros, quando se trata de apartamentos. Ora, as casas e apartamentos foram construídos há dez anos. Desde que não é finalidade da empresa a exploração de aluguéis, achamos que estes devem ser cobrados de acordo com o que foi gasto na construção dos imóveis..."

O diretor imobiliário, generalista Batista Teixeira, é não no cargo, mas já é sabedor dessa nossa ponto de vista. Esperamos que durante o seu mandato não venham ocorrer coisas semelhantes ao que houve quando era superintendente da Fábrica Nacional de Motores o sr. Amauri Pedrosa, que construiu, disse que às expensas do departamento imobiliário, maravilhosa residência, ao que parece em Laranjeiras, na qual somente o portão de entrada foi orçado ali por volta dos dois milhões de cruzeiros..."

CORRUPÇÃO TEM HISTÓRIA

As administrações anteriores da fábrica dos famosos caminhões FNM foram quase por um nada edificantes suceder de escândalos e negociações, particularmente a do sr. Amauri Pedrosa. Contam os trabalhadores alguns fatos da época: "Havia uma folha de pagamento secreta. Dela constavam, entre outros, um filho do sr. Juracy Magalhães, um padre, que recebia 96 mil cruzeiros mensais como diretor sindical e que nunca pôs os pés na fábrica, e um jornalista pertencente aos quadros do vespertino 'O Globo'. Ao todo, a folha beneficiava a dezesseis elementos. O coronel Futuro, que está há mais de quatorze anos na empresa, era conhecido da irregularidade. Como oficial do Exército e como funcionário da fábrica o seu dever era o de levar tais fatos ao conhecimento do governo e denunciá-los aos operários. Atualmente a folha de pagamento chega a cerca de 160 milhões de cruzeiros..."

Os operários falam agora de suas moradas, e das de alguns diretores da empresa: "Os trabalhadores pagam atualmente nove mil e duzentos cruzeiros pelo aluguel de uma casa, e doze mil cruzeiros, quando se trata de apartamentos. Ora, as casas e apartamentos foram construídos há dez anos. Desde que não é finalidade da empresa a exploração de aluguéis, achamos que estes devem ser cobrados de acordo com o que foi gasto na construção dos imóveis..."

quantia que deverá subir até 174 milhões, com as despesas provenientes do nosso rearranqueamento. Mesmo assim, segundo o que nos revelou o atual superintendente, a fábrica apresentará este ano um lucro de 800 milhões. Se apesar da situação crítica que atravessa, a empresa tem condições de declarar um lucro superavit, que se poderá pensar das diretorias passadas que sempre vieram a público confessar prejuízos?"

O DEDO DA MERCEDES

Os caminhões FNM, produção básica da unidade industrial, são reconhecidos como os melhores. "São feitos com requinte" — disse, com orgulho, um dos operários. Vencem, longe, na concorrência comercial, seus concorrentes das empresas estrangeiras, Mercedes Benz e Scania Vabis. Por isso compreende-se o quanto interessa a empresa, e suas alianças a crise que ataca a Fábrica Nacional de Motores. Os trabalhadores estão conscientes disso. Afirmam: "Forçar, através dos meios de que dispõem no Parlamento, na imprensa e em certas áreas do poder executivo, o fechamento da fábrica, não é o que está no plano das companhias estrangeiras, pois isto provocaria uma revolta popular de seqüências imprevisíveis. O que a Mercedes e a Scania Vabis pretendem é a transformação da FNM em fábrica de autopartes. Assim — pensam — evitariam ser acusadas de destruir uma indústria nacional e liquidariam com uma incômoda concorrência que vende um caminhão melhor e mais popular por um preço alguns milhões de cruzeiros mais baixos..."

MULHERES PROTESTAM CONTRA FALTA DE AÇÚCAR: PUNIÇÃO PARA OS SONEGADORES

Em memorial dirigido ao presidente da COFAP, a Liga Feminina do Estado da Guanabara denuncia a sonegação do açúcar, responsável pelo aumento do preço do produto, acrescentando que "com a sonegação, poderá vender a safra passada pelos novos preços, o que corresponde a uma política de triste e vergonhoso favorecimento aos usineiros, plantadores e exportadores..."

produtores dos cargos de direção da IAA surge, agora, nos bastidores, a luta para que os 'barões' da cana-de-açúcar continuem se lucrando com os recursos do Fundo de Consolidação e Fomento da Agroindústria Canavieira. 80% destes recursos vêm sendo aplicados no financiamento e na garantia de contrato de financiamento do produto destinado à exportação. Depois de assinalar que a própria COFAP já constata os elevados lucros das refinarias, a Liga Feminina afirma que não entende...

possam as autoridades permitir tal sonegação, visando ao aumento para 100 cruzeiros, segundo rumores. Nesse sentido, propõem as mulheres da Guanabara várias medidas, entre as quais o levantamento e confisco dos estoques de açúcar e a utilização de todo o aparelho distribuidor da COFAP e de outros órgãos oficiais para a venda direta do produto, concluindo por solicitar a aplicação da Lei Delegada n.º 42, para a punição rigorosa dos sonegadores...

Ferrovárias da Leopoldina e da Central advertem:

VACILAÇÕES SÔMENTE LEVAM AO SUICÍDIO E À RENÚNCIA

Os ferroviários da Central e da Leopoldina, através de seus órgãos de classe, lançaram, ontem, importante manifesto definindo a posição da categoria frente aos últimos acontecimentos políticos. "É o seguinte a íntegra do documento: AOS FERROVIÁRIOS E AO POVO EM GERAL. Os ferroviários da Leopoldina, Central do Brasil e todos os ferroviários brasileiros, conscientes e solidários da nossa posição, livre de alianças, vimos a público para o que a seguir expomos: Houve por bem o CGT coligado com as demais forças progressistas do país, em atendimento à solicitação de sua excelência o sr. presidente da República, sustar o comício que conforme é do domínio público se realizou a quarta-feira última. A despeito da disciplina orgânica que preside todos os nossos atos em consonância com o CGT e as forças nacionalistas, queremos entretanto deixar patente o nosso irrestrito apoio à invulgar personalidade do ex-mo. sr. general Osvaldo Ferreira Alves, cujas atitudes claras e insofismáveis, em defesa da democracia ameaçada, vêm causando dificuldades às forças obscurantistas que tentam levar o país à situação de infâmia argentina..."

Estamos com ele e com aqueles que por mais de uma vez, em fatos e não apenas em palavras, têm demonstrado cabal e indiscutivelmente serem os homens com quem o povo conta nas crises e ameaças às liberdades e direitos duramente conquistados pela classe operária. Acatamos aquela decisão, por disciplina, embora discordando da sustação do comício, já não mais de desagravo à pessoa do presidente da República a que se sentia desagravado, mas sim em defesa de medidas básicas para a evolução da nossa pátria, tais como as decantadas Reformas, estancamento da sucção de nossas parcas divisas para o exterior e a desenfreada elevação do custo de vida. A hora é de decisão e ação urgente. Basta de conciliação com os eternos inimigos do Brasil e de seu povo. Se desejamos de fato ver o nosso país independente e livre da FRAGA CORLENTA, vamos formar e somar nas praças públicas, sem nenhum receio, ao lado do nosso povo infelicitado. Confiar no povo, já deveria merecer melhor atenção de nossos dirigentes. Vacilações levaram ilustres patriotas ao suicídio e renúncia..."

Esta é a nossa posição, reiterando o nosso inteiro apoio ao Comandante do Exército que cumpre sem quebra de disciplina o que diz a Constituição: GOVERNO DO POVO PELO POVO E PARA O POVO. Rio de Janeiro, 11 de abril de 1963. a) Herval Arueira — presidente em exercício do Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina. b) José Luiz Leida — presidente da Associação dos Servidores da Central do Brasil. c) Authair Figueiredo — Secretário da Associação Nacional dos Servidores Públicos Ferroviários.

Esta é a nossa posição, reiterando o nosso inteiro apoio ao Comandante do Exército que cumpre sem quebra de disciplina o que diz a Constituição: GOVERNO DO POVO PELO POVO E PARA O POVO. Rio de Janeiro, 11 de abril de 1963. a) Herval Arueira — presidente em exercício do Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina. b) José Luiz Leida — presidente da Associação dos Servidores da Central do Brasil. c) Authair Figueiredo — Secretário da Associação Nacional dos Servidores Públicos Ferroviários.

Esta é a nossa posição, reiterando o nosso inteiro apoio ao Comandante do Exército que cumpre sem quebra de disciplina o que diz a Constituição: GOVERNO DO POVO PELO POVO E PARA O POVO. Rio de Janeiro, 11 de abril de 1963. a) Herval Arueira — presidente em exercício do Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina. b) José Luiz Leida — presidente da Associação dos Servidores da Central do Brasil. c) Authair Figueiredo — Secretário da Associação Nacional dos Servidores Públicos Ferroviários.

ITAJÁ PARA: SOLIDARIEDADE AOS TRABALHADORES DA MADEIRA

Floresópolis (Do correspondente) — Grandes manifestações de solidariedade, proletrias deram aos trabalhadores de Itajá, durante 5 dias, por ocasião da luta dos trabalhadores em péto de madeira, chegando a parar quase toda a cidade. No dia 19 de março, entraram em greve 2.000 trabalhadores em péto de madeira, após uma grande assembleia promovida pelo Sindicato da classe, face à recusa patronal de cumprir o acordo salarial vigente e o reajustamento necessário decorrente do novo salário mínimo.

Em greve bem mostra o caráter reacionário e anti-operário do atual governador do Estado, sr. Célio Ramos, que mantém na Secretaria de Segurança Pública um conhecido integralista, que tem ódio a tudo que é progressista. Este fato bem mostra o caráter reacionário e anti-operário do atual governador do Estado, sr. Célio Ramos, que mantém na Secretaria de Segurança Pública um conhecido integralista, que tem ódio a tudo que é progressista.

Este fato bem mostra o caráter reacionário e anti-operário do atual governador do Estado, sr. Célio Ramos, que mantém na Secretaria de Segurança Pública um conhecido integralista, que tem ódio a tudo que é progressista. Este fato bem mostra o caráter reacionário e anti-operário do atual governador do Estado, sr. Célio Ramos, que mantém na Secretaria de Segurança Pública um conhecido integralista, que tem ódio a tudo que é progressista.

UNIDADE E FIRMEZA DOS TRABALHADORES

Fato digno de nota foi a firmeza dos trabalhadores, que bem orientados pela diretoria do Sindicato e pelo Conselho Sindical da cidade mantiveram-se unidos e coesos até a vitória final. Várias tentativas foram feitas no sentido de dividir o movimento dos trabalhadores...

VITÓRIA TOTAL

No dia 23, após 5 dias de greve, a classe patronal cedeu a todas as reivindicações dos trabalhadores. Conquistaram assim o Sindicato e os trabalhadores uma grande vitória, graças a sua firmeza e unidade, e a solidariedade ativa de estivadores, arrumadores e conferentes, que paralisaram o trabalho durante 4 dias.

DESESPERO DA REAÇÃO

A Secretaria de Segurança Pública do Estado deslocou para Itajá um pelotão da Polícia Militar, tirando da DOPS e ainda solicitou mais de 100 soldados do Exército do batalhão sediado na cidade de Blumenau, para intimidar e coagir os trabalhadores a voltarem ao trabalho e, ainda mais, tentando recrutar desclassificados para furem a greve.

Sargento Garcia Disse Aos Metalúrgicos Que Gen. Kruei é Golpista

Realizado no bo calor dos últimos acontecimentos políticos a IV Conferência dos Trabalhadores da Guanabara adotou como decisão final, sob o comando do Sr. Sargento de Guerra, lutar pelas reformas de base e pela democratização da Lei Eleitoral. O delegado que entre os dias 5 e 9 lotaram o grande auditório do Palácio do Metalúrgico, decidiram, ainda, dar pleno apoio à criação da Central Única dos Trabalhadores, bem como às reformas das leis trabalhistas e da previdência social.

A sessão de encerramento valeu como uma tomada de posição dos metalúrgicos cariocas face ao momento político nacional manifestando-se o plenário contra as articulações golpistas, as campanhas contra o governador Miguel Arraes e a posse de todos os eixos a 3 de outubro.

Diante disso chegou à conclusão de que o governador deste Estado é um homem intranquilo e desesperado, é um homem que vive numa provocação permanente, pois seu fracasso como administrador é contínuo. É um homem que vive cavando buracos na cidade, de ponta a ponta, para que os tanques do Exército não possam passar, conforme afirmam alguns."

Os comandos do governador da Guanabara, de Foz e pelo subcomandante imediato da Lei de Bases de Leitura, pelo diminuição das subvenções aos produtores e exportadores de café, pela nacionalização das empresas estrangeiras, pelo comércio com todos os países e em defesa de Petrópolis. — Lutar pela democratização da Lei Eleitoral, co-

Os comandos do governador da Guanabara, de Foz e pelo subcomandante imediato da Lei de Bases de Leitura, pelo diminuição das subvenções aos produtores e exportadores de café, pela nacionalização das empresas estrangeiras, pelo comércio com todos os países e em defesa de Petrópolis. — Lutar pela democratização da Lei Eleitoral, co-

GUERRA AOS GORILAS

No discurso com que homenageou os congressistas, o deputado Antônio Garcia Filho, sargento do Exército, denunciou o atual ministro da guerra, general Kruei, ligado "aos grupos reacionários que há pouco tentaram golpear o regime. Autoridades do atual Governo tentam fazer do povo massa de manobras para suas tramas golpistas."

HOMEM DESESPERADO

"Homem intranquilo e desesperado" foi como o deputado Benedito Cerqueira classificou o governador Lacerda, que há poucas semanas mandou seus policiais invadirem o Sindicato dos Metalúrgicos, de cuja presidência Cerqueira está licenciado, para exercer seu mandato parlamentar.

RESOLUÇÕES

Centenas de metalúrgicos participaram dos trabalhos das comissões e das sessões plenárias da IV Conferência dos Metalúrgicos da Guanabara, preparatória do IV Congresso Nacional que em julho próximo se realizará em Recife. Sobre este encontro, aliás, o deputado Antônio Garcia Filho fez questão de desfazer as provocações levantadas pela imprensa dos gorilas, com as quais pretendiam comprometer o governador Miguel Arraes.

EDIÇÃO EXCEPCIONAL DE PPS

Já nas bancas e livrarias de todo o país a edição de fevereiro de PPS — PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. PPS é revista que se esgota facilmente nas bancas. Assim, procure adquirir logo seu exemplar e se intere da verdadeira atitude do povo norte-americano e do povo de operários e camponeses, brancos e negros oprimidos pelos trustes e lutando também contra o macartismo. Ainda nesse número um bem lançado estudo do sociólogo brasileiro Jacob Gorender sobre "Condições do desenvolvimento econômico no Brasil", além de outros trabalhos de interesse. — Agências e assinaturas: rua da Assembleia, 34 sala 304, Rio (GB). Valores em nome de H. Cordeiro.

NOVOS RUMOS

Diretor Orlando Bomfim Júnior Diretor Executivo Fragoso Borges Redator Chefe Leir Gassemo Gerente Oltomburg Cavalcanti Redação: Av. Rio Branco, 257 11º andar 6/1128 — Tel.: 45-7344 — Gerência: Av. Rio Branco, 257 - 9º andar 8/905

Ajuda a NOVOS RUMOS

Antônio Santos (Nanuque-MG) 915,00 Mauro Pimentel (Niterói-RJ) 800,00 V. Vieira (ferroviário Leopoldina) 400,00 Elias Nicolau Martins (Rio-GB) 2.000,00 Amigos de Bento Ribeiro (Rio-GB) 2.600,00 TOTAL 6.715,00

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS FERROVIÁRIAS DO RIO DE JANEIRO

Base Territorial: Estados da Guanabara, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo Sede Própria: Avenida Presidente Vargas, 443 - 10º andar - Rio - GB

Table with columns for Diretoria, Suplentes Diretoria, Conselho Fiscal, Suplentes Conselho Fiscal, Representantes na Federação, and Suplentes Representantes na Federação.

REVISTAS POLONÊSAS advertisement including POLSKA POLAND, POLEN, POLOGNE, and RADAR. Includes details about subscriptions and contact information for EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

# Govêrno de Arraes Responde ao IBAD: O Que há em Pernambuco   Combate Aos Privilégios e Injustiças Sociais

# São Paulo: Povo Luta Contra Provoca es Lacerdistas e Contra Ameaça de Desemprego

"Em Pernambuco não se trata de um movimento de luta contra os privilégios e as injustiças sociais e a renova o social" — afirmou a imprensa carioca o secretário-assistente do governador de Pernambuco, sr. Antônio Carlos Cintra do Amaral. O jovem auxiliar do governador de Pernambuco referiu-se   campanha, inspirada pelo IBAD, que procura fundir a opinião do Pais dando a impressão de que Arraes estaria promovendo a subversão e a desordem no Nordeste.

Desfazendo a explora o que vêm mantendo o IBAD e outros setores golpistas em torno de alguns movimentos grevistas recalcitrantes em Pernambuco reivindicando melhoria salarial e outros direitos, disse o sr. Antônio Carlos Cintra do Amaral: "Em primeiro lugar o número de greves não   grande quanto se propala; em segundo lugar elas são consequ cia de uma situa o de desajustamento comum a todo o Pais, dai não serem mais numerosas nem mais graves do que aquelas surgidas em outros Estados".

Assunto na verdade, essas acusa es   que o governo se disp o, a respeit las".

### NO CAMPO

Falando das greves deflagradas pelos trabalhadores do campo nos meses de fevereiro e março, disse o sr. Cintra do Amaral que tais movimentos foram motivados pelo não pagamento, pelos usineiros e fornecedores de cana, do 13.  mes de sa rio, a que têm direito incontestemente os camponeses. Ressaltou o secretário-assistente que os usineiros recebem financiamento do governo para que cumprissem essa sua obriga o. "A maioria — concluiu — não fez o pagamento, ou quando o fez estabeleceu bases inferiores   determinadas pela lei. Quando foram ecididas as greves, e após a interdi o do governo do Estado e da Delegacia Regional do Trabalho, os patrões comprometeram-se a efetuar o pagamento, o que normalizou a situa o".

Assunto na verdade, essas acusa es   que o governo se disp o, a respeit las".

### UMA OFERTA EXCEPCIONAL DO PPS

Este anúncio  , particularmente, dirigido a você, prezado leitor. Como você sabe, nenhuma publica o faz milagres com os serviços atuais do papel e serviços gráficos. Mas o PPS pode-lhe fazer uma oferta excepcional: uma assinatura por apenas Cr\$ 750,00. Você receberá desde o número de janeiro de 1963. Dirija o seu pedido para rua da Assembleia, 34, sala 304, Rio (GB). Valores em nome de H. Cordeiro.

S. PAULO, 8 (Da sucursal) — O povo de São Paulo não permaneceu de braços cruzados diante das provoca es e da campanha golpista, empreendida por Lacerda e seus seguidores. Através de comit s, reuniões sindicais e outras manifesta es tem deixado claro a sua disposi o de defender as liberdades democráticas e as suas reivindica es mais sentidas. Ao mesmo tempo, faz ouvir as críticas   política econômica-financieira do governo federal e   sua tendência de conciliar com o que existe de mais retr gado em nossa terra.

Na noite do dia 5, comi o convocado pelos dirigentes sindicais e líderes políticos, atravi   Praça da S  mais de 2.000 pessoas. Entre outros falaram na ocasião o escritor S lvio Monteiro, o sr. Arlindo A. Lucena, da Comissão Executiva da F.L.N.; o estudante Eder Sader; o sr. Camal Schain, secretário do Partido Socialista Brasileiro; e os dirigentes sindicais Genésio Silva de Almeida e Reginaldo Dias do Nascimento, do Sindicato dos Trabalhadores em Panifica o e Confeitaria.

Os ataques desferidos por Jango contra os comunistas, em seu discurso de Mococa, foram repellidos energicamente pelo sr. Arlindo A. Lucena. Disse este: "Não admitimos que se compare os comunistas, abnegados lutadores pela causa da emancipa o nacional e pelas reformas de estrutura, com o sr. Carlos Lacerda, agente número um do imperialismo lanque em "mata-m ndigos". Essas palavras foram seguidas do caloroso aplauso dos populares presentes.

Na mesma noite realizou-se outro comi o, no bairro da Lapa, promovido por dirigentes sindicais e líderes políticos locais, com participa o de centenas de pessoas. Em sua visita   Capital, Jango encontrou ambiente diferente do que o esperava em Mococa e não pode repetir tudo quanto afirmara naquela cidade do Interior paulista.

### Deputado Max da Costa Santos:

## DESEMBARGADOR MAXIMILIANO   SUSPEITO PARA JULGAR PROIBI O DO CONGRESSO

O deputado Max da Costa Santos, secretário-geral da Comissão Organizadora do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, criou o ofício de desembargador Fernando Maximiliano, relator do processo para julgar a legalidade do ato do governador da Guanabara proibindo o conclave, arguindo a suspei o do desembargador, que tomou partido antes de ouvir as partes.

está vazado o despacho, suficientes para demonstrar a parcialidade com que se situa V. Excia. em face da controvérsia dos autos, e o particular interesse que representa, por motivo de paixão política, relativamente   decisa o da causa.

jurista, que o desembargador está incurso na Lei de Segurança e pode ser condenado a pena de reclusão de um a dois anos, afirmando em seu ofício:

Art. 23 — Ofender fisicamente, injuriar ou coagir, por motivos doutrinários, políticos ou sociais, pessoa que estiver sob sua autoridade, ou permitir que outrem o faça, desde que a a o ou omissão seja da autoridade judiciária ou policial. Pena: reclusão de 1 a 3 anos.

### uma oferta excepcional do PPS

Este anúncio  , particularmente, dirigido a você, prezado leitor. Como você sabe, nenhuma publica o faz milagres com os serviços atuais do papel e serviços gráficos. Mas o PPS pode-lhe fazer uma oferta excepcional: uma assinatura por apenas Cr\$ 750,00. Você receberá desde o número de janeiro de 1963. Dirija o seu pedido para rua da Assembleia, 34, sala 304, Rio (GB). Valores em nome de H. Cordeiro.

### SANTOS (Da sucursal)

Novas manifesta es em apoio   posse dos deputados operários, intelectuais e sargentos eleitos no pleito de outubro e impedidos pela Justiça Eleitoral de cumprirem seus deveres parlamentares, tiveram lugar durante a última semana nesta cidade.

### Prefeito de Santos Pedu a Posse Dos Deputados Eleitos

Trava-se na Argentina uma feia brigada zoológica. Gorilas pendurados nas árvores do Jardim da Casa Rosada prendem em massa outros gorilas. Diz-se que navios transformados em prisões abrigam dezenas de oficiais superiores, enquanto outros procuram asilo nas representa es diplomáticas.

### FORA DE RUMO

Trava-se na Argentina uma feia brigada zoológica. Gorilas pendurados nas árvores do Jardim da Casa Rosada prendem em massa outros gorilas. Diz-se que navios transformados em prisões abrigam dezenas de oficiais superiores, enquanto outros procuram asilo nas representa es diplomáticas.

Nota Econ mica  
José Almeida

### Caminhos paralelos

Entre os objetivos centrais declarados do Plano Trienal figura a manuten o de uma taxa elevada de desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, o combate   infla o. Entretanto, decorridos pouco mais de dois meses da atual política econômico-financieira, não se pode dizer que estejam sendo atingidas aquelas duas metas. No que se refere   infla o — tal como aparece para as massas e tal como elas a sofrem, — o fato   que no primeiro trimestre de 1963 a eleva o do custo de vida na Guanabara já atingiu os 16%, quando para todo o ano a eleva o prevista seria de 25%. Evidentemente, para o povo está longe de ser um consolo a declara o do governo de que nada foi emitido até março. As emissões refletem-se negativamente na economia popular precisamente porque elevam os preços das mercadorias e dos serviços e, com isso, impõem uma redu o no consumo. E o desenvolvimento? Na melhor das hipóteses, o que se poderá dizer   que os elementos disponíveis são que apresenta uma taxa totalmente insatisfatória. For duas razões: porque o setor privado, quando não mostra sinais de recuo, mantém-se pelo menos na expectativa. E no setor público, onde deveria ser suprida essa deficiência, o clima   de marasmio, de paralisa o e de empreendimentos de diminui o de ritmos e a mais total ausência de novos projetos.

### ANTICOMUNISMO BOSSA NOVA

Durante t da a semana os jornais estamparam notícias de artistas famosos que transitaram ou desembargaram no Galeão. O "dandy" da foto, W lter Dantas, delegado de Segurança Política da Guanabara, ainda não   celebrado. Mas regressa ao Brasil com a irremovível disposi o de tornar-se, em breve, um dos astros mais aplaudidos e melhores remunerados das farsas e comédias do anticomunismo. Informa O JORNAL (nota reproduzida no fac-s milie) que W lter esteve durante 12 semanas na zona do canal do Panamá, instruindo-se, em cursos ministrados por agentes do FBI, sobre "as mais modernas técnicas" de combate   infiltra o comunista e aos traficantes de n rcoticos. Marx teria dito em certa ocasião que a religião   o  pio dos povos. Talvez esteja al   explica o para a associa o, nos cursos da Aliança para o Progresso, da repressão ao comunismo, ao combate do tr fico de drogas: nos lúcidos m lhos dos macartistas, se a religião   o  pio dos povos, o comunismo será fatalmente o n rcoticos das massas.

### Marco Antônio Denuncia na Câmara Ameaças   Vida do Líder Camponês Paraibano

As ameaças que pesam sobre a vida do deputado estadual Assis Lemos, da Assembléa da Paraíba, e presidente da Federa o das Ligas Camponesas daquele Estado, levaram   tribuna da Câmara Federal o deputado Marco Antônio, que fez a seguinte denuncia:

### FORA DE RUMO

Trava-se na Argentina uma feia brigada zoológica. Gorilas pendurados nas árvores do Jardim da Casa Rosada prendem em massa outros gorilas. Diz-se que navios transformados em prisões abrigam dezenas de oficiais superiores, enquanto outros procuram asilo nas representa es diplomáticas.

### ALMOÇO

A reunião a que se refere o telegrama do Chefe do Executivo foi realizada sábado, dia 6, por sua iniciativa. Constituiu-se num almoo com todos os parlamentares da Baixada Santista, tanto da Assembléa Legislativa como da Câmara Federal.

### ALMOÇO

Estiveram presentes os srs. Mário Covas Jr., Antônio Feliciano, Athl  Jorge Curi e Rubens Paiva, deputados federais, e os estaduais Osvaldo Martins, Emeraldo Tarquinio e Olavo H. de Moura. Convidados especialmente pelo prefeito José Gomes, compareceram os deputados eleitos e não empossados Geraldo Rodrigues do Santos e Osvaldo Lourenço.

# A Constituição Federal e a Reforma Agrária

Lyndolpho Silva

Presidente da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil

A Assembleia Constituinte que elaborou a atual Constituição Federal (de 1946), e fôz sob o impacto da derrota militar do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial e da liquidação do regime ditatorial estadunidense no país. Num período portanto de franco ascenso das forças democráticas e progressistas, tanto no âmbito mundial, quanto internamente, isso permitiu que a atual Constituição, que substituiu o código policial-fascista de 10 de novembro de 1937, lei máxima que regia, até então, a sociedade brasileira, constituísse efetivamente um passo à frente no processo democrático e progressista da nação.

Havia, no entanto, na composição social daquela Assembleia Constituinte, uma nitida predominância de senhores feudais latifundiários e políticos seus agentes, defensores incondicionais dos interesses do monopólio latifundiário da terra, o que determinou a inclusão na atual Carta Magna da Nação, quando se tratou de formular e apresentar solução para a questão agrária, de alguns artigos de profunda natureza reacionária e antidemocrática, que estão constituindo no presente insuperável impedimento ao avanço e transformações necessárias no processo evolutivo que as atuais condições do país exigem e determinam.

da questão agrária no Brasil. A luta pela realização imediata de uma profunda reforma agrária, que modifique radicalmente a atual estrutura agrária, ingressou num processo irreversível. Ela porque todas as forças políticas sentem a premente e inadiável necessidade de dar uma solução legal a essa questão.

Também as massas camponesas, e elas mais que ninguém, pois são as que mais sofrem na própria carne essa situação, lutam e lutarão cada vez mais pela conquista de uma lei de reforma agrária. No entanto elas não ignoram que a atual Constituição não possibilita de forma alguma essa solução. Como também não ignoram que se não for encontrada uma solução dentro dos caminhos legais, esta será encontrada e obtida através de um processo não legal mas autêntico, isto é, através da insurreição camponesa.

Nesse sentido, evidentemente, acumulam-se os elementos, em escala cada vez maior e mais acelerada, e as atuais e crescentes lutas das massas no campo pela conquista de objetivos parciais e reivindicações econômicas, nada mais são que simples escaramuças do processo de acumulação de forças, de consciência e do grau de organização que irão possibilitar num futuro não muito distante as arrancadas de maior vulto e decisão.

Mas, se é verdade notória que esse processo realiza seu curso inexorável, não é menos verdade que o campesinato tudo tem feito e tudo fará para que a questão agrária seja solucionada através de um processo predominantemente legal, ou seja, com

dominantemente legal, isto é, dentro dos limites do que estabeleça uma legislação efetivamente democrática e constitucional, o que infelizmente e totalmente obstaculizado por determinados artigos da atual Constituição Federal e pelas posições reacionário-feudais de alguns partidos políticos e seus representantes a serviço das forças retrogradas do latifúndio, no atual Congresso.

Somos, absolutamente, contrários aos que imaginam que o campesinato brasileiro, nas atuais circunstâncias, dá preferência exclusiva a uma solução não legal e predominantemente violenta da questão agrária. Essas em geral são pessoas dominadas por coxilhas "revolucionárias" e confundem correntemente sua irresponsável e seu espírito irresponsável de aventura, com a realidade existente entre as massas camponesas. No entanto, estamos absolutamente convencidos de que se não se realizar dentro de prazo não muito longo uma profunda transformação da atual estrutura agrária do país, as massas camponesas tomarão em suas mãos de maneira enérgica e consciente a solução básica e radical dessa questão. Isso, porém, somente depois que tiverem esgotadas e quando estiverem plenamente convencidas disso) todas as possibilidades legais para a solução desejada, cujo principal entrave é constituído, no presente, pela própria Constituição Federal.

Dal, ser elemento decisivo para a conquista de uma reforma agrária através de um processo predominantemente legal, ou seja, com

menores sacrifícios para as massas camponesas e para o povo brasileiro em geral, a imediata emenda à Constituição naqueles artigos que incidem sobre a questão agrária, como já recomendou ao Congresso o próprio poder executivo.

Sem dúvida, a principal emenda recai sobre o artigo 141 parágrafo 16, que contém a célebre exigência relativa à desapropriação por necessidade ou utilidade pública, que só pode ser realizada "mediante prévia e justa indenização em dinheiro".

Evidentemente, tão prosa e estranha formulação só poderia ter sido incluída na Constituição Federal por imposição e refletindo os interesses dos defensores incondicionais do latifúndio. Inimigo, portanto, da democracia, do progresso e da soberania da nação brasileira.

Esses senhores, no afã de preservarem a sagrada intocabilidade da propriedade particular latifundiária, firmam tábuas rasas dos mais elementares princípios estabelecidos desde que surgiu o processo mercantil na sociedade humana.

Determinou, essa maioria ocasional de legisladores da Constituinte de 1946, que a propriedade territorial é uma mercadoria que só pode ser negociada "mediante pagamento prévio", "em dinheiro" e sob uma "justa indenização". Evidentemente tal lei corresponde a uma concepção absolutamente feudal sobre a simples troca de mercadorias e valores, profundamente estranha, portanto, a concepção capitalista, mesmo primitiva, em que qualquer negócio admite o entendimento,

seja o acordo mútuo entre as partes, vendedor e comprador, da mercadoria negociada, o que significa o acordo entre ambas as partes interessadas, seja, sobre preço, forma de pagamento, prazo, etc.

Não resta dúvida de que o latifundiário ao elaborar semelhante lei o fez na base de que sua propriedade só pode ser desapropriada, isto é, adquirida pelo governo, em caso de necessidade ou utilidade pública, "paga previamente", "somente em dinheiro" e segundo uma indenização avaliada pelo latifundiário que se garante o direito de considerá-la ou não "justa".

Já foi calculado, pelo próprio poder executivo, que a desapropriação de todas as terras improdutivas das atuais latifúndios, realizada através semelhante critério, exigiria um montante de cruzeiros que supera de muito a casa dos trilhões, o que, evidentemente, revela a sua absoluta impossibilidade. Mas, mesmo que essa quantidade fosse reduzida a bilhões ou mesmo milhões não excluiria de forma alguma e aspecto grosseiramente absurdo e mesmo criminoso do critério que se adotado, mesmo parcialmente, como o vem sendo pelas pseudo-reformas agrárias, como a fracassada "reforma agrária" de São Paulo, "planos pilotos" e outras negociações do mesmo tipo, nada mais constituem do que excelente negócio para os latifundiários que conseguem vender ao Estado, por elevado preço, parcelas de terras inferiores e improdutivas.

O atual parágrafo 16 do artigo 141 da atual Constituição constitui, portanto, insuperável obstáculo a

qualquer projeto ou tentativa de realização da reforma agrária.

Outra emenda indispensável a ser introduzida na atual Constituição é a do artigo 19, no que diz respeito à tributação territorial que para atingir seu objetivo essencial e ser efetivamente aplicado, deve passar imediatamente para o âmbito da União.

Pela Constituição de 1946, anteriormente, essa tributação era da alçada dos Estados, inclusive o do artigo 19. No entanto, quando a luta pela modificação da estrutura agrária assumiu, nos últimos tempos, um acentuado grau de amadurecimento, os representantes do latifúndio na legislatura anterior, conseguiram, com uma facilidade de passar, passar essa tributação para o âmbito do município. O que significa torná-la absolutamente inócua como fator da renda e, principalmente, anulando, com essa manobra, toda e qualquer possibilidade de essa tributação exercer o papel de elemento legal de coerção contra o latifundiário que não aproveita sua terra segundo as necessidades mínimas da coletividade e mantém sua posse sob criminoso monopólio, como também, a terra não sendo tributada pelo governo federal, este não possuirá, evidentemente, possibilidade alguma de realizar a sua justa avaliação para o pagamento em caso de desapropriação, que deve ser aliás, o critério predominante e básico para a avaliação do preço da terra a ser desapropriada segundo a lei de reforma agrária.

Finalmente, o artigo 154 deve ser reformulado principalmente com a supressão

18 ANOS DEPOIS DA LIBERTAÇÃO

## O Caminho da Unidade na Hungria Socialista

"A unidade socialista da nação não surge espontaneamente como resultado da transformação do estado objetivo de coisas; só se desenvolve e fortalece como consequência da política da unidade. Esta política da unidade e finalidade, conteúdo e vigor orgânico da ação do povo, das massas trabalhadoras, assim como a coesão das classes socialistas. Na resolução do VIII Congresso de nosso Partido, define-se essa política do seguinte modo:

"O conteúdo político da unidade socialista da nação é constituído pela luta pela defesa e o desenvolvimento do regime socialista, pela vitória total do socialismo, pela paz e pela salvaguarda da independência nacional, a luta contra o imperialismo internacional e as forças e tendências hostis que ainda existem no país. A força motora da unidade socialista da nação é a classe operária e seu partido revolucionário, o Partido Socialista Operário Húngaro, dirigente reconhecido de todo o povo húngaro."

Os comunistas sempre se empenharam para criar uma ampla aliança de classes para lutar contra a reação, o fascismo e o capitalismo. O conteúdo e a amplitude da aliança de classes dependem das tarefas do momento da luta revolucionária, da situação, do grau de consciência e da experiência das classes sociais.

A política da unidade da nação é a continuação orgânica da consequente linha marxista aplicada pelo nosso Partido desde 1918. Há pessoas que antes descreiam dos comunistas e desaprovavam suas ações e medidas, mas que consideram atraente e clara a política de unidade socialista da nação e a apoiam, apóio que nós saudamos. Na resistência dessas pessoas a participação na vida política, em sua passividade e omissão, influiu também o enfoque sectário dos dirigentes do Partido Húngaro dos Trabalhadores, e mais tarde os desorientou a contra-revolução de 1918. As realizações dos últimos anos, a vida cristalina de nossas organizações sociais e o clima de liberdade criam perspectivas aceitáveis também para essas pessoas, que pouco a

poisou se vão compenetrando com as ideias socialistas.

É necessário que se diga com plena certeza que entre a liquidação do revisionismo, a rejeição da política sectária, a luta irreconciliável contra as forças da contra-revolução e a vitória do movimento de cooperação da produção agrícola, de um lado, e a política de unidade da nação, de outro, longe de existir contradição há, pelo contrário, um nexo indissolúvel. Sobre isto não deve haver dúvida alguma. Como poderíamos aspirar hoje a desenvolver a unidade da nação se não tivéssemos derrotado a contra-revolução e defendido a ditadura do proletariado e se não tivéssemos implantado também no campo as relações de produção socialistas? Ao apelo à unidade socialista da nação somente se pode responder com um sim rotundo e consequente em caso de também dizermos sim a toda a política do Partido Socialista Operário Húngaro, a luta contra as forças contra-revolucionárias e ao desenvolvimento das cooperativas de produção. A política de unidade da nação não significa uma renúncia à luta de classes, mas sim que é continuação da mesma nas novas condições; não é um retrocesso, mas sim uma fonte de históricas vitórias do socialismo, um fator político que impulsiona a revolução socialista e assegura sua plena vitória; não é um sinal de "liberalização" (isto é, na realidade, de debilitamento) do regime, mas sim de reforçamento do mesmo.

Esta política emana da teoria marxista-leninista, não nos considera as classes como formações invariáveis e anquilosadas e que não identifica a luta de classes com a guerra contra cada membro das classes exploradoras (e ainda em menor medida contra os antigos exploradores e seus parentes). É estranho ao materialismo histórico o conceito de classes segundo o qual a conduta e o caminho da vida de um homem são predefinidos por fatores biológicos de modo que se algum nasce como membro de uma classe, só a morte lhe permitirá com

ela romper. A ideias e opiniões de essa natureza são sempre nocivas e particularmente perigosas no período de transição para o socialismo, quando se produzem grandes transformações sociais e modificações radicais no caráter das classes. Trazem maior perigo ainda quando se trata de países pequeno-burgueses no passado (como o foi a Hungria), onde a grande maioria da população se modifica rapidamente e a passagem de uma classe às fileiras de outra adquire magnitude antes desconhecida.

Nos últimos seis anos combatemos com energia tanto o revisionismo, que repele a própria ideia e a realização prática da luta de classes, como o dogmatismo, que destitui a concepção e a política leninista desta luta. Atualmente, a luta política de classes em nosso país manifesta-se de maneira menos aguda. Mas se queremos que não se aguce no futuro, será preciso lutar com igual energia contra as tendências direitistas orientadas para a "reabilitação" do revisionismo político e teórico e contra as tentativas de alterar sectariamente a ideologia e a política do PSOH.

O Partido pôs fim ao culto à personalidade e ao dogmatismo sectário, ao mesmo tempo que rechaçou e rechaçará a tendência de "liberalização", embaçada com as falazes palavras de ordem de luta contra o "stalinismo" e de "desestalinização".

Não aceitamos também os pontos de vista dogmáticos e sectários no enfoque do desenvolvimento social no período de transição. Estando sabido que o principal fundamento teórico das argumentações dogmáticas e sectárias era constituído pela tese de que a luta de classes se acentua constantemente e inevitavelmente à medida em que se avança na construção do socialismo. Em fins de 1936 e princípios de 1937, quando abordamos a reorganização do Partido e, em luta contra as forças da contra-revolução, elaboramos o programa de consolidação socialista e da sucessiva edifica-

ção do socialismo, a luta de classes foi extremamente aguda. Que teria acontecido se nessa situação tivéssemos orientado nossa atividade pela ideia de que a luta de classes se acentua constantemente e inevitavelmente? Então nos teríamos baseado — ajustando a isso nossa política — em que a luta de classes se aguçaria, em que as contradições se aprofundariam ainda mais. Mas nós não nos ajustamos a tais considerações dogmáticas, em luta com o marxismo e com a realidade, mas nos guiamos pelos princípios marxistas e pelas ideias criadoras do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética; sabíamos que se ajustássemos contas com a contra-revolução e aplicássemos uma política consequentemente comunista, a luta de classes perderia sua exacerbação. Esta ideia se viu plenamente confirmada também pelos resultados da reestruturação socialista da agricultura: a coletivização se fez sem que se aguçasse grandemente a luta de classes. Na resolução do VIII Congresso do Partido pôde-se fazer a seguinte declaração: "Nosas experiências confirmam a justeza da tese teórica de que na época da ditadura do proletariado, se se realiza uma acertada política e a situação internacional é favorável, inclusive as bruscas reviravoltas da revolução socialista não suscitam obrigatoriamente e em toda circunstância um agravamento da luta de classes e um descenso de produção".

Naturalmente, na atual etapa a luta de classes não se extingue, mas mudam suas formas e métodos. As forças organizadas da reação sofrem uma derrota definitiva; uma parte delas renunciou à luta e outra parte se dispersou. E mesmo que ainda existam forças que não desistiram de seus objetivos hostis, o certo é que a imensa maioria dos membros das antigas classes exploradoras, sob a influência dos êxitos do socialismo e da política diferenciada que segue o Partido, vão encontrando pouco a pouco seu lugar na nossa sociedade

A Hungria comemorou dia 4 de abril o 10.º aniversário de sua libertação e está construindo a larga estrada na construção do socialismo, segundo seu próprio caminho, de acordo com suas particularidades. A propósito da data, publicamos abaixo um trecho do artigo de István Sztröm, membro do Comitê Político do Comitê Central e Secretário do Comitê Central do Partido Socialista Operário Húngaro, sob o título "O Caminho da Unidade Socialista da Nação", onde são abordados alguns aspectos da unidade das classes na construção socialista. A íntegra do artigo está publicada na revista "Problemas da Paz e do Socialismo", n.º 3, de 1938.



### HUNGRIA EM CIFRAS

Realizou-se em novembro de 1932 o VIII Congresso do Partido Socialista Operário Húngaro, cuja primeira sessão foi no dia 20, data do 44.º aniversário da fundação do Partido Comunista da Hungria.

Na sessão inaugural, o primeiro-secretário do PSOH, Janos Kadar, apresentou o relatório sobre a gestão do Comitê Central, do qual destacamos os seguintes dados sobre os avanços na edificação socialista do país:

— O setor socialista da produção representa atualmente 96% da renda nacional e 98% da produção industrial;

— Na agricultura, 96% da área de cultivo correspondem às cooperativas de produção e às fazendas estatais;

— 95% dos trabalhadores estão empregados nas empresas e instituições socialistas estatais e nas cooperativas;

— não há desemprego;

— em relação a 1936, as rendas reais da população que vive de salários aumentaram, em 1937, em 24%, e o valor real do consumo entre os camponeses elevou-se em mais de 21%;

— o 2.º plano quinquenal (1931/1935) prevê os seguintes aumentos fundamentais: 36% na renda nacional; 38-50% na produção industrial; 22-23% na produção agropecuária; 16-17% nas rendas reais por habitante.



**Balé da 16** próxima, no **Quadrado**, o conjunto de danças populares da URSS dirigido por Igor Moisseiev. Durante cinco dias se apresentará ao público coreias os notáveis bailarinos, seguindo em seguida para São Paulo, onde fará uma série de apresentações.

O conjunto famoso inicia, assim, em nosso país e sua excursão latino-americana. Já visitou os outros continentes. Em todos os grandes capitais e cidades em que se apresentou, o sucesso alcançado foi inigualável. Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Cairo, Pequim, as grandes metrópoles do mundo aclamaram o conjunto de Moisseiev como o mais brilhante do gênero.

Foi fundado em 1937 e desde então é dirigido pelo famoso coreógrafo. A sua arte inspira-se nos motivos populares das regiões soviéticas, nas danças folclóricas de povo russo, que alcançam nas encenações de Moisseiev um alto nível coreográfico e artístico.

Nesta página, tendo como motivo a presença em nosso país do conjunto, publicamos um artigo do seu diretor sobre as novas tendências do balé na União Soviética.

# O Novo Balé

Igor Moisseiev



Como sempre, Leningrado mostrou a Moscou, recentemente alguma coisa de novo em matéria de balé. Não falo em termos cronológicos, embora mesmo sob este aspecto os espetáculos encenados por Igor Bielski e Iuri Grigorovic, no quadro do lento desenvolvimento do nosso teatro coreográfico, são totalmente novos, atualíssimos.

Novos. Eis a explicação para o interesse agudo que tiveram estas obras. Eis o motivo do seu triunfo. Eis porque unimos dois nomes ilustres de autores tão diversos, de balés tão diversos como *A margem da esperança* e *Lenda de amor*...

Somos agradecidos aos autores dos dois balés pela sua audácia criadora. Pela fé na dança, nas suas possibilidades. Pela naturalidade e a organicidade do pensamento e da linguagem coreográfica em que o balé nasce não como tradução de um texto em movimentos de dança, mas porque o diretor imediatamente pensa em termos de dança, de formas plásticas. Eis onde está o novo nos trabalhos de Bielski e Grigorovic. De forma original, depois de obras-primas do passado como *Giselle* e *O lago dos cisnes* depois das obras de Fokin, eles novamente "emanciparam a dança", libertando-a das cadeias que a submetiam ao texto. A dança — se assim aquela liberdade de expressão coreográfica dos sentimentos, dos pensamentos, das idéias, que dá a sensação de improvisação inspirada e de eficácia imediata.

Entende-se, ambos os mestres dispunham de um ótimo libreto: o episódio sobre a vida dos homens soviéticos à margem da esperança e dos habitantes da outra margem revela nas cenas de I. Sionimaki uma visão coreográfica perfeita. Sionimaki alcançou uma tal altura ao estruturar os caracteres e os acontecimentos atuais que ajudou I. Bielski a criar o seu balé, com música de I. Petrov, impregnando de um sentimento de otimismo, de camaradagem, de amor puro e alegre, um balé onde os protagonistas — os nossos compatriotas — são dotados de uma imensa força moral.

A história do trágico amor de Fernad e Soccrin, a negra e louca paixão da soberana do Oriente Mehme-

ne, o ato heroico de Fernad pelo seu povo são as linhas de um trabalho de Nazin Hikmet, cujo libreto ele mesmo escreveu para I. Grigorovic, que pôde assim criar um espetáculo de excepcional calor emotivo que conquistou o público.

Não sou favorável a criação de balés abstratos, sem argumento, independentes da literatura. Sou pela autonomia da linguagem coreográfica, para que as danças sejam o material de construção do balé, assim como as palavras o são, para os versos.

Sustento que construindo o balé sobre uma qualquer base literária, o coreógrafo não deve ser aquele que traduz literalmente em movimentos, estrofes e versos conhecidos, mesmo que sejam geniais. Utilizando tal método, o problema do balé será inevitável. Mas se o coreógrafo trabalha não com aquele que "traduz na linguagem da dança" Shakespeare ou Puskin, mas como diretor que pensa em termos de dança, eis que se tem o verdadeiro balé.

Grigorovic e Bielski conseguiram fazê-lo. E o fizeram como resultado do talento, do sentido do novo, da procura de novidades que correspondam às idéias estéticas de hoje, como resultado de todo o desenvolvimento precedente do nosso balé.

Este tem, como se sabe, uma longa e gloriosa história, raízes profundas, que penetram no terreno de Leningrado, de Petrogrado, onde surgiu e se desenvolveu o balé clássico russo. A sua escola, as suas grandes tradições são um patrimônio precioso que os mestres do balé soviético herdaram e devem fazer frutificar. É natural que ele tenha surgido com a ruptura da "mentalidade feudal" que estava radicada no teatro imperial.

Contemporaneamente verificou-se um processo criador de novos espetáculos, a procura de métodos para exprimir grandes sentimentos, pensamentos profundos, caracteres decididos. Foi-se à literatura clássica. Lutou-se contra o velho balé, no qual muitas vezes a dança suplantava o senso comum. Exagerara-se, como em toda luta: jogara-se a criança junto com a água. Pois bem, o "senso comum" não só não suplantou a dança,

como fez com que o balé "voltasse a pôr os pés na terra" e adquirisse uma tal "natureza" que nos levou a perguntar: e agora, onde está a dança?

Começou-se a demonstrar que no balé era necessário dançar. Como se quisesse demonstrar que os passos deviam voar. O balé muitas vezes se parecia com um pingim: mesmo mantendo a "classificação" de passos, tinha perdido a capacidade de voar... Depois o balé retornou à cena. Mas estava ainda oprimido pela escravidão das fontes literárias. O balé estava sujeito às leis não da sua, mas de uma outra arte. Os diretores eram capazes de fazer uma transposição, mas não possuíam uma língua materna, através da qual pensar e exprimir as suas idéias.

Mas era necessário um processo criativo análogo à composição musical. *Freudencos da Rússia de Tchekovski* inspira-se (e somente se inspira) em Dante, mas não ilustra de fato, não traduz em linguagem musical os acontecimentos que se seguiram a quel giorno più non vi leggemmo avanzate... o final da Nonna sinfonia de Beethoven renece a ode a *Siegfried* de Schiller. Mas não nos sentimos uma tradução de versos, nem a sua transposição direta para a música, mas a música como tal — na sua composição de pensamentos e sentimentos, nos seus meios expressivos, tanto mais forte como é mais forte a música em si mesma.

O mesmo devia ocorrer em relação ao balé: exprimir diretamente e de forma autônoma através da dança aquilo que o coreógrafo quer dizer.

Bielski e Grigorovic conseguiram-no. Por isso ocupamo-nos dos dois ao mesmo tempo. Por isto parecemos-nos ingênuos as tentativas de contrapô-los um ao outro com o argumento de que um criou um balé moderno e o outro um balé "fantástico". Ambos são modernos. Ambos são autores-inovadores por que têm uma concepção cênica nova, diferente da dos seus predecessores, persuasiva e provante.

A riqueza das idéias exige riqueza e complexidade da linguagem coreográfica. E parece-me necessário que os expoentes da nova orien-

tação na coreografia variem antes de tudo, enriqueçam o seu léxico do balé.

Quando na *Lenda de amor* surgem os cavaleiros da rainha Mehme, rimos de alegria: feliz achado! Os atores "não fazem nada" — "somente dançam": mas com movimentos que bastam para defini-los como figuras de cavaleiros e não só de cavaleiros, mas de valentes, servidores cruéis e implacáveis da sua senhora. Rimos também porque imaginamos como seriam apresentados estes personagens no velho balé: há muito tempo, na cena, teriam surgido com passos montando cavalos autênticos: mais recentemente, provavelmente, teria nos fascinado a imitação de uma cavalaria. Agora, apenas com a dança se obtém um estado de alma, comunica-se a natureza interna do personagem...

Má porém um grande perigo. Como sempre ocorre no caso de felizes e importantes descobertas teatrais, é possível que surjam diversas imitações e até limitações de si mesmas das grandes mestres. Seremos sinceros: já na *Lenda* existem particularidades que lembram a primeira obra de Grigorovic, *A flor de pedra*, e na *Sinfonia de Leningrado* de Bielski podem-se discernir métodos já usados e talvez esgotados na *Margem da Esperança*.... Sintoma que deve pôr em guarda o controle artístico íntimo dos diretores, avisando-lhes em tempo: basta, procura o novo!

Sim, este é o destino de quem serve à verdadeira arte: a procura do novo. E quanto mais talento tem o artista, mais se exige dele, tanto mais ele deve ser exigente consigo mesmo, tanto mais raramente gozará da sensação de completa satisfação e de tranqüilidade do homem comum, que os elogios dos críticos, dos amigos e dos admiradores podem confundir.

Estamos de parabéns pelo nascimento do novo teatro do balé. Entusiasmamo-nos a paixão juvenil, a inspiração com que a companhia encena os novos balés. Nós compreendemos como se deve superar muitas dificuldades para alcançar a vitória na luta contra o velho, o retrógrado, que ainda resiste e que não se renderá sem luta. Mas, estamos convencidos de que sairá vencedor o que é jovem e progressista, o que é novo.

## Canto de Página

Enxada

CONGRESSO MUNDIAL DE MULHERES

Promovido pela Federação Democrática Internacional de Mulheres, vai se realizar em junho deste ano, em Moscou, um congresso mundial de mulheres. Para começo de conversa é preciso lembrar que a FIDM nasceu em primeiro de dezembro de 1945, quando terminou a Segunda Guerra Mundial, e se formou como a expressão da vontade das mulheres do mundo inteiro de se reunirem contra a guerra, a opressão, a miséria e edificar um futuro de progresso, de liberdade e de paz.

Leio o apelo que me chega para esse congresso e sinto-me orgulhosa, não só em recebê-lo, como em me sentir ao lado dessas valorosas mulheres que tanto vêm lutando, não apenas em defesa dos direitos das mulheres, mas sempre com os olhos voltados para as crianças e os problemas dos povos de todos os países, porque a Federação reúne mulheres sem distinção de raça, nacionalidade, religião ou opinião política, desde que elas estejam dispostas a atuar em comum pela conquista e defesa de seus direitos de cidadãs, de mães e de trabalhadoras, "para proteger a infância, obter o desarmamento geral, assegurar a paz, a democracia e a independência nacional".

Ainda voltarei a este assunto outro dia. Hoje quero apenas contar que a FIDM tornou-se de tal forma uma corrente de afeto e de entendimento entre as mulheres, que pode contar hoje, em vinte e seis países, com cento e trinta e duas revistas femininas ligadas à Federação. Seu órgão oficial é a revista intitulada "Mulheres do Mundo Inteiro", onde se lê notícias não apenas de lutas políticas, pela paz e as reivindicações femininas, mas análises dos problemas da criança, da maternidade, etc., ao lado de contos, concursos literários, fotografias de mulheres de todos os países do mundo.

O Congresso de Moscou, diz Eugénie Cotton, presidente da FIDM, "se propõe a favorecer os contatos entre personalidades e organizações femininas diversas e permitir assim discussões sobre os problemas que as interessam. Essas relações poderão ajudar a compreensão mútua e, de maneira eventual, encontrar iniciativas comuns".

Sendo o Congresso Mundial de Mulheres e dele ainda faltarem tão belo e tão eloqüente é o apelo da Federação Democrática Internacional de Mulheres para sua realização.

## FACÓ: CÂMARA DE NITERÓI APROVA VOTO DE PESAR

Dirigida a este jornal e a família de Rui Facó, continuam chegando de todo o Brasil, mensagens de condolências pela morte do nosso companheiro.

No dia 20 de março último, a Câmara Municipal de Niterói aprovou requerimento de autoria do vereador José Maria Cavalcante, registrando um voto de pesar pelo falecimento de Rui Facó. Na sua proposição, o vereador assinala que "o desaparecimento do mencionado jornalista significa uma grande perda, não só para a família dos homens de imprensa, mas também para as fileiras dos patriotas e nacionalistas, lutadores, pela democracia e pela emancipação econômica de nossa pátria".

Sérgio A. Grossi, de Vitória, Espírito Santo, diz que a morte atingiu um incançável lutador, cujo exemplo deve ser seguido por todos aqueles que realmente amam seu país.

Escreve de Rio Bonito, Estado do Rio, José Lima da Silva, expressando sua dor pelo desaparecimento de nosso companheiro, enquanto de Diamantina, Minas Gerais, dirigiu-se a NOVOS RUMOS o sr. Carlos de Freitas Andrade, rendendo homenagem à memória de Rui, "pelo muito que fez, durante sua rica existência, pela libertação de nosso povo".

De Manaus, escreve-nos um grupo de comunistas do bairro dos Remédios, lamentando o "trágico desaparecimento do talentoso e renomado jornalista". Também os comunistas de Uberaba, transmitiram suas condolências à família de Facó, sublinhando ter sido a sua vida "uma fonte permanente de exemplos, inspiração e ajuda na luta pela libertação de nosso povo".

## Topicos Típicos

Pedro Severino

### CHIMPANZÉ GUATEMALTECO IMITA HITLER

O chefe do novo governo militar da Guatemala, general Peralta (não é apelido não, minha gente), prometeu realizar "a erradicação definitiva do comunismo da Guatemala".

Com sua memória de chimpanzé (o general Peralta não chega a ser propriamente um gorila, por sua baixa estatura), o militar fascista não está em condições de recordar o triste fim de seu precursor Adolf Hitler, que prometeu realizar a "erradicação definitiva do comunismo da Alemanha" e realizou foi aquilo que se viu.

### ONU CONDENA DISCRIMINAÇÃO RACIAL

A comissão sobre Direitos do Homem — órgão das Nações Unidas — aprovou resolução unânime condenando "todas as formas de discriminação racial".

Aguarda-se, a qualquer momento, que o governador Carlos Lacerda envie um telegrama de solidariedade ao governador racista Orval Faubus, protestando contra a provocação comunista da ONU.

### LACERDA DEMITE GUARDA MULHERINGO

O governador da Guanabara demitiu um guarda da Polícia de Vigilância que fora visto, bêbado, em uma vistoria oficial, na companhia de cinco mulheres.

Consta que o governador ficou muito aborrecido, porque o guarda arranjara cinco mulheres e não tivera sequer a delicadeza de convidar o seu máximo superior hierárquico para o programa.

### REVISTAS AMERICANAS FALAM DO BRASIL

Há cerca de um mês, a revista norte-americana "Time" publicou um reportagem sobre as nossas Escolas de Samba, dizendo que o dinheiro para a compra das fantasias e para os gastos do desfile era arranjado através da exploração do lenocínio.

Há duas semanas, a revista norte-americana "Life" publicou uma reportagem sobre o papel das classes médias na América Latina, dizendo que os Estados Unidos já deram ao Brasil excessiva ajuda em dinheiro, com prejuízo sério para os contribuintes norte-americanos.

Nesta reportagem de "Life" o redator atribuiu ao sr. Rui Gomes de Almeida, presidente da Associação Comercial do Estado da Guanabara, a convicção de que os Estados Unidos vão ter de nos ajudar "de qualquer jeito" e que precisarão nos entregar "os anéis que trazem nos dedos", a fim de que "não lhes tomemos os próprios dedos". Trata-se, sem dúvida, de uma calúnia. O sr. Rui Gomes de Almeida não diria uma sandice destas. Diria outras, mas não a que o redator da revista "Life" lhe atribuiu.

O que a má vontade das revistas "Life" e "Time" em relação ao Brasil está revelando é que estamos, de fato, escapando ao controle dos gringos.

### LIFE & TIME EMBRIAGARAM-SE DE DÓLARES

No meu bairro existia um bêbado contumaz pelo qual nós, os moleques da rua, tínhamos a maior simpatia, graças ao seu bom-humor habitual.

Um dia, lembro-me de que ele foi procurado por alguém que procurava convencê-lo a fazer um esforço a fim de recuperar-se e libertar-se do vício. Recordo que ouvi o visitante perguntar-lhe:

— Por que é que você bebe? Já não houve um tempo em que você era abstinente? Por que foi que você passou a beber?

Entre dois goles o bêbado respondeu:

— Realmente, houve um tempo em que eu era abstinente. Tenho uma vergonha horrível disto. Acho que bebo justamente para esquecer que já fui abstinente...

Agora, volto a encontrar a lógica absurda do bêbado na atitude das revistas norte-americanas: depois de nos terem explorado durante tantos anos com seus investimentos espoliadores, os gringos ameaçam não fazer mais investimentos no Brasil!

Oxalá cumprissem a ameaça.

## A "Gazeta de Notícias" do dia 4 de abril publicou artigo do escritor Genésio da Fonseca sobre o nosso companheiro Rui Facó, trágicamente desaparecido em acidente aéreo no Chile.

Abaixo, publicamos a íntegra do trabalho:

"A imprensa diária, encunhada a GAZETA DE NOTÍCIAS, não deu relevo à morte do nosso companheiro de jornalismo Rui Facó, ocorrida em dias do mês passado, quando regressava de La Paz num avião do Lóide Aéreo Boliviano. Rui Facó era moço, pois nasceu em 1913 em Beberibe, cidadezinha do Ceará que é um encanto e de que sempre ouvi falar bem. Saiu dali para a Bahia, onde se formou em direito, e da Bahia para o Rio. Observei que quase todos os bons jornalistas cariocas e da Paulicéia vieram da província. Nesta cidade, Alcindo Guanabara é exceção. Alcindo e Evairato da Veiga. Já, porém, não. Tempos de Evairato, os que mais se notabilizaram na Em-

# RUI FACÓ

## Genésio da Fonseca

tos se dedicam à faina do jornal. Rui possuía cultura séria, procurava documentar-se, escrevia baseado em fatos, não usava as palavras como sons mais ou menos harmônicos à maneira do Jorge Amado, que escreve de ouvido como quem toca piano sem estudo de música, tirando acordos que não estão certos mas tapelam quem escuta. Juízo não ofender os meus colegas de "Novos Rumos" declarando que Rui Facó era ali figura primordial e que será difícil logo substituí-lo.

Eu o estimava deveras. Além de estudioso de pro-

blemas sociais e econômicos, Rui era machadista arguto. Numa época em que a grã-fingem das letras agia o autor de "Dom Casmurro" em artista mais ou menos abstrato, longe da realidade ambiente, ele protestava. "Machado de Assis" escreve na *Voz Operária* — 27 de setembro de 1958. — exclui a arte pela arte. Sua obra reflete precisamente o ambiente em que vivia. É digna de destaque esta sua opinião, que infelizmente não era generalizada: "O que se deve exigir de um escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país". (Ver "Machado de Assis", de Astrojildo Pereira).

Estas palavras do nosso romancista seriam mais tarde repetidas por Anatole France, "Un homme n'est rien, quand il n'est pas un produit de sa terre". Um homem nada vale quando não é produto da sua terra.

Durante as lutas pelo monopólio estatal do petróleo, encontrei por vezes Rui Facó, que sempre me animou — pois ele era um produto da sua terra e sentia, por isso, a autenticidade dos nossos grandes escritores (Machado de Assis, José de Alencar, Castro Alves), as amarguras do nosso povo, a tremenda complexidade dos nossos problemas.

Morreu assassinado. Tinha de ser. Aquêle avião do Lóide Aéreo Boliviano des-

penhou-se do ar porque ele vinha a bordo. Ignoro por que motivo o FBI não encontrou nos escombros uma pasta de documentos (como aconteceu não há muito em outro avião criminosamente sinistrado) provando que Facó urdia uma conspiração na América do Sul de caráter fidelista. Os gringos dos Estados Unidos são capazes de tudo e não trepidam em matar os seus desafetos.

Nunca deixo de me referir à morte de Moisés Rabinóvitch, ilustre geólogo, sacrificado na ABI pela Standard Oil quando se preparava para seguir viagem rumo à Amazônia onde (jurava) descobria petróleo nos contrafortes brasileiros dos Andes. Os lanques matam até os seus compatriotas (como sucedeu com Hemingway) quando eles se afastam da linha justa de apelo total a Wall Street.

Rui Facó morreu porque era decente. Glória a seu nome. Sua vida constituirá duradouro exemplo para as gerações futuras.

# Uberaba: Manifesto Sindical Aponta Saída Para Problemas Nacionais e do Município

**UBERABA, Minas Gerais** (Do correspondente) — Em extenso memorial enviado ao prefeito municipal e à Câmara de Vereadores, os trabalhadores de Uberaba, após a realização de uma grande assembleia geral de todas as categorias profissionais, pronunciaram-se contra a política econômico-financeira do governo federal e denunciaram a exploração de que são vítimas numa cidade de estagnação das mais desenvolvidas do País.

Comentando a política econômico-financeira do presidente João Goulart o documento detém-se particularmente na análise do Plano Trienal. Dizem os trabalhadores, sobre o programa elaborado pelo economista Celso Furtado:

"O plano, a par de algumas inovações, não se distingue fundamentalmente da orientação dos governos anteriores, que procuraram sistematicamente combater as consequências do nosso subdesenvolvimento sem ferir as causas profundas do

mesmo. Representando uma conciliação da indústria nacional com o capital estrangeiro e o latifúndio, não objetiva mais do que a manutenção do status quo vigente e, o que é mais grave, prevê até mesmo recuos irremediáveis nas conquistas do povo brasileiro em duras lutas do passado ainda recente".

"Essas características do Plano Trienal — prosseguem os trabalhadores — tornam-se mais patentes ainda com o início de sua aplicação através de medidas impopulares e antinacionais, com a supressão dos subsídios do trigo e do petróleo, que afeta o povo brasileiro e incide direta e fortemente no aumento do custo de vida. A restrição do crédito a firmas nacionais, prevista no Plano, choca-se frontalmente com o esbanjamento do dinheiro público no processo de compra, sem o devido tombamento físico e contábil, das subsidiárias do truste norte-americano de eletricidade, a Bond and

Share, e no vultoso e in-compreensível empréstimo à Standard Electric, subsidiária da poderosa International Telephone and Telegraph. Em contrapartida não prevê o Plano Trienal a redução dos subsídios para o café, que beneficiam os grandes latifundiários".

**UBERABA**

A situação de Uberaba é assim descrita no manifesto dos operários:

"Apesar de contarmos com uma legislação trabalhista imperativa, 60 por cento dos trabalhadores da cidade não recebem o salário mínimo e apenas 40 por cento estão registrados nas firmas em que trabalham. As mulheres e menores são vítimas fáceis da exploração gananciosa e insaciável. Os filhos dos operários e dos camponeses não contam com escolas públicas suficientes para sua educação e só uma minoria heróica consegue ultrapassar o curso

primário e vencer a barreira econômica para alcançar os outros estágios educacionais.

O custo de vida na cidade um dos centros produtores do País, equipara-se com o das grandes metrópoles brasileiras exigindo medidas energéticas de combate aos intermediários gananciosos. Os casebres e, principalmente, a mendicância constituem uma triste realidade em Uberaba. É comum ver-se nos logradouros públicos o deprimido espetáculo de mulheres e crianças remexendo nas latas de lixo. Esses e muitos outros fatos indicam que medidas profundas e eficazes têm de ser tomadas".

**AS SOLUÇÕES**

O memorial dos trabalhadores de Uberaba aponta, em seu final, a saída para a superação dos problemas nacionais mais prementes e para a melhoria das condições de vida no município, propondo ao prefeito e aos vereadores o seu empenhamento na luta pela consecução das seguintes medidas:

- 1 — Aplicação da Lei de Remessas de Lucros, com o controle efetivo da inversão de capitais estrangeiros e limitação das remessas de lucros;
- 2 — Encampação, com tombamento físico e contábil, de todas as empresas estrangeiras que exploram

os serviços públicos e nacionalização de todas as companhias estrangeiras que exploram ramos fundamentais da economia nacional;

- 3 — Apoio efetivo para o fortalecimento e ampliação das empresas de economia mista e autárquica, como a Petrobrás, Eletrobrás, Companhia Nacional de Alcalis, Fábrica Nacional de Motores e Cia. Siderúrgica Nacional;
- 4 — Reforma Agrária racional acompanhada de todas as medidas complementares para seu pleno êxito;
- 5 — Política externa independente, com respeito absoluto pela autodeterminação dos povos;
- 6 — Reforma Urbana, para resolver o problema da casa própria e prorrogação em junho, da Lei do Inquilinato;
- 7 — Reforma Bancária, com a nacionalização dos bancos estrangeiros de depósitos e das companhias internacionais de investimentos e financiamentos;
- 8 — Reforma Tributária no sentido de lançar impostos diretos fortemente progressivos sobre a renda dos grupos privilegiados e não impostos indiretos sobre as massas consumidoras;
- 9 — Reforma Universitária e defesa fortalecimento e ampliação da Escola Pública, com a exclusiva canalização para ela de todas as verbas federais, estaduais e municipais de educação;

- 10 — Reforma Eleitoral, com direito de voto aos analfabetos e soldados das forças armadas e repressão eficaz contra a influência do poder econômico e financeiro e nacional nas eleições;
- 11 — Fiscalização mais eficiente da aplicação das leis trabalhistas;
- 12 — Instalação, em Uberaba, do restaurante popular do SAPP;
- 13 — Criação imediata do Ginásio Municipal a fim de proporcionar ensino acessível às camadas mais pobres da população;
- 14 — Criação e instalação de uma Sub-Delegacia de Trabalho e permanência de um Fiscal do Trabalho e de fiscais dos IAPs nesta cidade;
- 15 — Garantia do salário mínimo para os trabalhadores e professores da Prefeitura e pontualidade no pagamento dos mesmos;
- 16 — Vigência imediata dos Serviços de Assistência Médica e Hospitalar para os associados dos IAPs e construção do Hospital da Previdência Social;
- 17 — Criação de uma seção da COAP em Uberaba, com a participação dos trabalhadores e dos Poderes Públicos;
- 18 — Não permissão de aumentos nas taxas dos serviços de utilidade pública, como água, força e luz, telefones, etc.

## IMPERIALISMO

"Muita gente pensa que o imperialismo se contenta em explorar economicamente os povos e países menos desenvolvidos. Não é tão simples assim. A máquina é terrível e complicada. Tudo há que ficar a seu serviço: as artes, o direito, a filosofia, os costumes, a geografia. Daí vemos, na imprensa vendida aos imperialistas, os mais impetuosos valores pregando "um novo conceito de independência", Franco, Salazar e Strossner como defensores da democracia, a Turquia incluída na Civilização Cristã e a Itália fazendo parte do Atlântico Norte. O imperialismo muda tudo; costumes, tradições, a própria música dos países em que penetra. Até os brinquedos das crianças. Assim, termos em moda calças americanas com-bay — aquelas que quando o sujeito senta cai tudo do bolso — Bat Mitterson como herói nacional, a música brasileira varrida das emissoras, e, o que é mais triste, as crianças com capacetes do exército e da marinha dos Estados Unidos e brincando com tanques de guerra em miniatura com insígnias lanques. Tudo isso faz parte de um plano de desnacionalização completa do país a conquistado.

Uma das tarefas dos imperialistas é preparar os povos para a fome e até para o cannibalismo. Para não pensarem que é exagero meu citarei a opinião de dois sociólogos norte-americanos: A. Parson e Don Ferber: "O cannibalismo era um meio de assegurar alimentos para a população e a população para a produção de alimentos. Mais ainda contribuiu para melhorar a alimentação".

Também o Inglês E. V. A. Sibly, presidente da Associação de Vegetarianos Ingêses (veja-se, vegetarianos), defende o cannibalismo. "Vegetarianismo — diz ele — não é mais que uma solução temporária do problema mundial da alimentação. Antes o persistente crescimento da população do globo terrestre cabe esperar que a única alternativa possível será a volta ao cannibalismo, que, entre outras coisas, tem a vantagem de resolver o problema em dois sentidos, assegurando de um lado, novos produtos alimentícios e diminuindo, de outro, a população da Terra." (Na Revista Ugg, 5-6-52).

Diferente é o ponto de vista do Sr. Thomas Barlow, expresso em "The Times" de 27 de junho de 1959. Acha ele que Herodes foi um dos maiores homens da História pois mandou matar todas as crianças até um ano de idade e que devemos seguir seu exemplo.

Eis, pois, o futuro que os sociólogos, os sábios, os cobras do capitalismo oferecem à humanidade: cannibalismo ou morte de crianças.

Milton Coura, de São Paulo.

## Mário Alves faz conferências em Pernambuco: Plano Trienal Escamoteia as Reformas de Estrutura

**RECIFE** (Do correspondente) — Convidado por várias organizações culturais e populares, Mário Alves pronunciou em Pernambuco três conferências sobre o Plano Trienal e a política econômica e o plano financeiro do atual governo.

A primeira realizou-se no dia 29 de março, no auditório da Faculdade de Ciências Econômicas, sob o patrocínio do diretório acadêmico dessa escola e da Associação dos Servidores da SUDENE. A mesa, entre outras pessoas, tomaram assento os universitários João Calheiro, presidente do DA da Faculdade de Ciências Econômicas; Clóvis Cavalcanti, presidente da Executiva Nacional dos estudantes de ciências econômicas; José de Araújo, representante da UNE no Estado de Pernambuco e Geraldo Gomes da Silva, presidente do DA da Faculdade de Arquitetura. Encontravam-se presentes, também, vários professores universitários, entre eles os Srs. Luiz da Costa Lima, Gláucio Velga e Gustavo Cintra Paashaus. O

através de uma política de conciliação com o imperialismo e o latifúndio. Não há contradição insólita entre o desenvolvimento e a estabilidade monetária, desde que se façam reformas profundas na estrutura econômica.

Em seguida, afirmou o conferencista que o Plano Trienal evita atingir as causas estruturais da inflação e procura conter o processo inflacionário apenas com medidas no terreno financeiro e monetário. Não adota qualquer medida para restringir a remessa de lucros, mas, ao contrário, prevê o aumento da transferência de rendimentos dos capitais estrangeiros. Mantém a política de favores e subsídios excessivos ao setor latifundiário-exportador, em particular ao cafeeiro. No referente ao sistema de câmbio, atém-se no fundamental às exigências da política recomendada pelo Fundo Monetário Internacional. Escamoteia as reformas de estrutura e mantém a dependência do país em relação aos créditos e finan-

mesa de lucros e o combate à fraude cambial.

— Suspensão temporária do pagamento da dívida externa, com medidas correlatas para sanear a situação cambial do país.

— Defesa dos preços externos dos produtos exportados, monopólio das exportações de café e controle drástico das importações.

— Reforma tributária que eleva a arrecadação dos impostos diretos, principalmente sobre as pessoas físicas.

— Empréstimo interno compulsório sobre os grupos de altas rendas para a formação de um fundo nacional antiflacionário.

— Reforma bancária, com rigoroso controle sobre os bancos privados, seleção do crédito e nacionalização dos bancos de depósitos estrangeiros.

— Reforma agrária, que significa efetivamente a eliminação do latifúndio, com a fixação de um limite máximo à propriedade da terra, e a entrega das terras desapropriadas aos camponeses sob a forma de pro-

## Trabalhadores Paranaenses Exigem Punição Dos Vândalos de Mandaguari

**CURITIBA** (Da sucursal) — Trabalhadores paranaenses de todas as categorias, através de manifesto subscrito pelas principais federações e pelos mais expressivos sindicatos de classe, vêm de protestar junto ao governador Ney Braga contra a falta de providências governamentais para a punição dos elementos terroristas que, com a conivência das autoridades policiais de Mandaguari, invadiram e depredaram — duas vezes em menos de um mês — a sede de quatro associações de trabalhadores daquela cidade. Em seu pronunciamento os trabalhadores exigem a punição dos invasores e das autoridades implicadas no ato de violação das liberdades democráticas, bem como a imediata libertação do operário Antônio Daniel Soares, preso, quando do atentado, por ter oferecido resistência aos assaltantes.

O manifesto dos trabalhadores foi redigido durante uma reunião inter-sindical da qual participaram o senador Amauri de Oliveira e Silva, o deputado federal Wilson Chedid, os deputados estaduais Leon Vass Barcelos e Miguel Daitchmann e o delegado regional do trabalho no Paraná.

11 de fevereiro, alguns dias após a primeira investida, verificada nos fins de janeiro. A segunda expedição foi preparada e executada por elementos de projeção da Frente Agrária Paranaense, associação de fazendeiros e latifundiários, visivelmente contrários à reforma agrária e à organização dos trabalhadores do campo. O grupo de delinquentes era comandado por Nelson Garcia, ligado à direção da firma Barrio Nuovo, um dos maiores trustes compradores de café da região; Paulo Rodrigues Brianez, Waldemar Brianez, Pedro Peres, Domingos Delgado, Elias Nairi e Jaime Piel, todos ricos sítiantes em localidades adjacentes.

Na sede encontravam-se apenas o advogado Jorge Haddad, consultor jurídico das associações dos trabalhadores, e os líderes Antônio Mendonça Conde e Antônio Daniel Soares, presidente e secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, além de quatro associados da entidade. Avisado da invasão o delegado de polícia Waldemar Lopes, que se omitira até então dos acontecimentos, embora estes tivessem sido fartamente anunciados pelos dirigentes da Frente Agrária, decidiu tomar uma providência: mandou prender Antônio Daniel Soares sob a alegação de que portava arma.

Quanto aos desordeiros, não foram molestados. Tô-

da a cidade sabe inclusive que eles foram incentivados pelas autoridades locais, que arquivaram o inquérito aberto a respeito da primeira invasão, em janeiro último.

O vandalismo dos latifundiários e seus acasos incômodos tudo o que foi encontrado no interior do próprio que abriga as entidades sindicais de Mandaguari: cadeiras, bancos, balcões, estantes, quadros com as cartas sindicais das associações, máquinas de escrever, livros de registro, documentos e correspondência.

**OS ATACANTES**

O fatos provocaram indignação na população de Mandaguari, cujas famílias se acham intranquias em face da repetição de tais atentados, que ficam impunes apesar de seus promotores serem bastante conhecidos como patrões condenados pela justiça do Trabalho em mais de uma ocasião. Entre as questões decididas pela justiça em favor dos trabalhadores figuram várias de compra de café aos percentuais com o pagamento de cheque sem fundos ou notas promissórias que não eram resgatadas. Outros, dentre os assaltantes, são exploradores de aluguéis que há bem pouco tempo foram derrotados, em memorável campanha liderada pelos sindicatos, quando pretendiam lançar inquilinos seus à rua.

## SOU DEPUTADO

Uma funcionária da Novacap, lotada na SAB, na famosa Sociedade de Abastecimento de Brasília Ltda., escreveu-nos contando a seguinte história:

"Dia 22 de março, pela manhã, uma "madame", acompanhada pelo deputado João Velga "representante do PTB do Estado do Amazonas, estava fazendo compras no SAB, e ao retirar-se quis sair pela porta da entrada. O porteiro, um menino de 17 anos, pediu à "madame" que se retirasse pela porta da saída: resposta veio carregada no mais ferino desprezo: — Quem é você para impedir-me de sair por aqui?

Eram ordens superiores que ele cumpria, respondeu o menino. Nisso o deputado acode prontamente (será que ele reage tão prontamente quando se trata dos interesses populares na Câmara?).

— "O que quer que faça com ele?"

O menino sugere ir falar com o gerente e entra acompanhado pelo deputado, que, logo que este passou a "borboleta", começou a esbofetear-lo com vontade, empurrando-o por cima das gôndolas e machucando-o bastante. Fêz sangue. Os outros empregados rodearam o deputado, briguento, que num assomo de coragem exibiu as credenciais:

— "Sou o deputado João Velga".

"Correm pressurosos o supervisor geral da SAB (dr. Rogério) e o gerente Romano Aliviani que procuram acalmar com tapinhas nas costas o digno representante do povo".

Convidamos-no para subir ao escritório a fim de recuperar-se. Ele aceita o convite. O porteiro o acompanha, mas dr. Rogério diz-lhe:

— "Desça já".

"Ele desce e imediatamente recebe ordens de retirá-lo pelas portas do fundo."

## ESMOLA

Isabel Ferreira da Silva, de São Paulo, volta a escrever a NOVOS RUMOS sobre o problema da mendicância. Contamos um caso que assistiu:

"Assisti a uma distribuição de esmola por uma instituição evangélica a determinado número de pessoas matriculadas em dita instituição, com a devida sindicância de comprovação da pobreza". A distribuição era feita uma vez por semana. Veio a alta dos preços. Passou a uma vez por mês.

Era fornecido um pouco de feijão, arroz, macarrão, farinha de mesa, etc., e, também, óleo comestível, despejado em vasilhame de 1 litro. Mas o número de pobres era tal que não chegava para todos. Passou-se, então, a dar só 1/2 litro a cada pedinte. Houve choro, protesto, reclamação... A disputa do óleo chegou a tal ponto que os promotores da distribuição naquele setor tiveram que usar de energia para despachar os pedintes e trancar as portas. Resultado: hoje, não fazem mais distribuição de gêneros, mas sim, em dinheiro que é levado a cada um dos matriculados em suas residências".

Mesmo assim, os pobres das redondezas, alertados, ocorrem aos locais das distribuições, aumentando o número de necessitados, "levando o bem intencionado caridoso a temerem a impossibilidade de continuar essa prática de caridade: mito de religiosidade que não passa de um paliativo repelente. Há muita pobreza para pouca caridade. Pobreza que, sendo mal de estrutura, só se corrige com alterações de estrutura. É preciso, isto sim — escreve nossa leitora — leis que assegurem a todos o direito de habitação, roupa e comida (a que eles têm direito) para que, desse modo, "extingam-se a mendicância de fato".



auditório estava superlotado.

Em sua conferência, Mário Alves afirmou que o Plano Trienal, aparentemente, propõe objetivos acertados: assegurar a taxa de crescimento da economia e conter o processo inflacionário. Entretanto, a política econômico-financeira contida no Plano está longe de identificar-se com as soluções nacionais e populares para o problema da inflação. Referindo-se às causas da pressão inflacionária no Brasil, apontou o conferencista cinco fatores que contribuem para este fenômeno: a) a desvalorização externa da moeda, decorrente da espoliação imperialista através do comércio exterior; b) a redução na capacidade para importar, resultante da crescente remessa de lucros das empresas estrangeiras; c) os excessivos subsídios e financiamentos ao setor cafeeiro; d) a oferta reduzida de alimentos em relação ao aumento da população urbana e da renda "per capita", como resultado da estrutura agrária arcaica; e) o esforço de círculos da burguesia nacional para aumentar a taxa de crescimento sem realizar mudanças na estrutura da economia. Isto é, através da "poupança forçada" e dos investimentos inflacionários. O desenvolvimento econômico do país tem sido acompanhado de uma inflação desenfreada — concluiu — porque a industrialização do país não sendo realizada

ciamentos de origem imperialista.

Analisando as medidas anti-inflacionárias propostas pelo Plano Trienal disse Mário Alves que o sentido básico dessas medidas — a "redução relativa do consumo", através da supressão dos subsídios do petróleo e do trigo, do corte drástico das despesas estatais, da elevação dos impostos indiretos etc. — é, no fundo, a imposição de maiores sacrifícios ao povo. Assim, pretende-se combater a inflação não às custas dos setores privilegiados que lucraram com o processo inflacionário e são responsáveis por ele, mas unicamente às custas dos trabalhadores e do povo, que sempre foram vítimas da inflação e agora são sacrificados com a política anti-inflacionária.

O Plano Trienal — afirmou — é uma tentativa de círculos da burguesia nacional no sentido de conciliar a contenção da inflação com a manutenção dos privilégios do capital estrangeiro e dos setores retrógrados. Deve ser apresentada uma alternativa à esta política pelas forças nacionalistas e populares. O conferencista explicou as soluções que já vêm sendo propostas pelas várias organizações que representam o povo brasileiro, destacando-se entre outras:

— Reforma cambial, que estabeleça o monopólio das operações de câmbio, a suspensão temporária da ren-

riedade individual ou associada, além da constituição de fazendas-modelo estatais.

Concluiu o conferencista afirmando que a realização dessas medidas pressupõe condições políticas, a primeira das quais é a luta popular. O problema em debate — assegurar o desenvolvimento contendo a inflação — não é puramente técnico nem administrativo. Será resolvido na medida em que predominem no Poder, com um governo nacionalista e democrático, as forças interessadas na sua efetiva solução.

Após a conferência, houve um prolongado debate, tendo o conferencista respondido a numerosas perguntas sobre o Plano Trienal.

Dia 30, na cidade de Caruaru, realizou-se uma conferência de Mário Alves sobre o mesmo tema, na sede do Sindicato dos Bancários, a convite dessa entidade. Além de diretores do Sindicato, achavam-se presentes autoridades locais, estudantes, intelectuais, líderes sindicais, comerciantes e próceres políticos da "Princesa do Agreste".

Dia 31, no Sindicato dos Tecelões de Recife, Mário Alves pronunciou uma palestra sobre o Plano Trienal, seguida de animado debate, participando de reunião centenária de trabalhadores de várias categorias profissionais e dirigentes sindicais pernambucanos.

## O ATAQUE

Como se recorda o segundo ataque à sede conjunta das entidades sindicais de Mandaguari ocorreu no dia



## MAFERSA: PASSEATA

Continua a luta dos metalúrgicos mineiros para que o governo sancione o problema da MAFERSA, que se desenvolve a vários meses prejudicando enormemente os interesses não só dos trabalhadores como do próprio país. No dia 7 último, em Belo Horizonte, realizou-se passeata da qual participaram centenas de trabalhadores. Na ocasião, dirigiram-se ao Palácio da Liberdade, passando antes pela Assembléia Legislativa. Recebidos por um representante do

governador Magalhães Pinto, os trabalhadores foram informados de que o BNDE concederia um empréstimo de 400 mil cruzeiros para reparamento da fábrica. Os trabalhadores, na ocasião, fizeram saber que continuariam a luta até que se conseguisse uma solução de profundidade para o problema, que atendesse aos reclamos dos trabalhadores e da nação. Na foto, aspecto da passeata dos metalúrgicos mineiros em defesa dos seus companheiros da MAFERSA.

## JANGO JÁ SABE O QUE QUEREM OS OPERÁRIOS DO PARANÁ

**CURITIBA** (Da sucursal) — Por intermédio do chefe da Casa Civil da Presidência da República, advogado Evandro Lins e Silva, que esteve nesta capital por ocasião do VI Congresso Nacional dos Municípios, os dirigentes das cinco federações de trabalhadores do Paraná encaminharam ao presidente João Goulart um memorial contendo as principais reivindicações do operariado aurucariano no momento.

As justas pretensões dos trabalhadores do Paraná estão consubstanciadas em mais de duas dezenas de itens, entre os quais os de maior destaque vão transcritos abaixo:

"Entrega das administrações nas delegações regionais dos Institutos de Previdência Social a representantes dos trabalhadores contribuintes, de maneira íntegra e que se efetivem com a classe bancária em todo o País.

Extinção do regime de clientela com indicação política de delegados regionais nos órgãos de Previdência Social.

Construção imediata de um hospital previdenciário em Londrina, onde a mendicância encontra-se totalmente comercializada; criando a associação que congrega esses profissionais liberais uma tabela de preços elevadíssimos, que não pode ser paga pelos institutos, em prejuízo dos contribuintes, que ao serem reembolsados não conseguem cobertura para ressarcir as despesas efetuadas para si e seus familiares, de acordo com a nova Lei Orgânica da Previdência Social.

Criação imediata de um Tribunal Regional do Trabalho em Curitiba, desmembrando-se as Juntas de Conciliação e Julgamento da 2ª Região, criando-se a 9ª Região, criando-se vários projetos apresentados no Congresso Nacional.

Nominação de funcionários para a Delegacia Regional do Trabalho, para que essa possa realizar as fiscalizações sugeridas pelas entidades sindicais.

Salário-família para as esposas e dependentes dos trabalhadores, conforme sugestões já apresentadas por todos os congressos nacionais realizados pela classe proletária".



### É LEGAL!

Concedendo mais de 60 anos de lutas dos trabalhadores brasileiros, o ministro Almino Afonso assinou portaria reconhecendo existência legal ao Comando Geral dos Trabalhadores.

São os seguintes os considerandos da portaria ministerial:

1. A Constituição assegura os direitos de associação e de reunião, que nenhuma disposição legal ou regulamentar pode anular. Estabelece também que ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.
2. A Consolidação das Leis do Trabalho não proíbe, nem poderia proibir, em face do mandamento constitucional, a existência de organismos de coordenação entre as entidades sindicais para o trato de problemas que não se limitam pela competência de cada uma delas em particular, porque envolvem interesses de todas em geral: inflação, custo de vida, níveis salariais, etc.
3. Esses organismos, para terem existência, em face da Constituição, não dependem de reconhecimento, e em face da Consolidação das Leis do Trabalho apenas não possuem a representatividade conferida às entidades sindicais que especifica para os fins pre-fixados.
4. A realidade social, que deve informar a feitura das leis, revela a multiplicação de organismos daquela natureza, de base municipal, regional, estadual e nacional;
5. A observação da história do sindicalismo brasileiro em outros países mostra o aparecimento de tipos de organizações, como ocorreu nos Estados Unidos com a AFL — CIO; na França, com a CGT, OGTFO e CFTC; na Itália, com a CGI, e outros países.

O programa da Confederação que vai substituir o Comando Geral dos Trabalhadores, a ser extinto, inclui entre outras coisas:

1. Semana de cinco dias de trabalho;
2. Período de trinta dias de férias;
3. Estabilidade aos cinco anos de serviço;
4. Licença-prêmio de seis meses a dez anos de trabalho;
5. Direito à família do trabalhador que morrer, a metade da indenização a que teria direito em vida;
6. Aposentadoria por velhice, aos 55 anos para os homens e aos 50 para as mulheres;
7. Inclusão, entre os dependentes do trabalhador, do companheiro ou concubina;
8. Aposentadoria para as mulheres aos 25 anos de serviço;
9. Condição de auxílio-doença para os desempregados;
10. Salário-família, inclusive para os aposentados.

# CGT de Fato e de Direito!



Posteriormente ainda hoje não entrará em funcionamento, sob o pleno auspício das leis do país, a Confederação Geral dos Trabalhadores. O ministro Almino Afonso, nos primeiros dias deste mês, firmou ato revogando a portaria do ex-ministro Alexandre Guimarães, de março de 1962, que proibia aquela entidade.

— É ilegal, é a "república sindicalista" — bradavam os cabeças das "classes conservadoras."

— A Constituição voltou a ser respeitada, conquistamos mais uma vitória — responderam os trabalhadores.

— Foi uma luta dura — conta um velho dirigente sindical.

— Começou nos primeiros anos deste século, com a Confederação Operária Brasileira. A COB surgiu em 1906 e começou a funcionar em 1908. Perseguida, sabotada, vista pelos patrões como o começo do inferno. Surgiram outras, depois, que governos policiais suprimiram. A última tentativa foi em 1946, no IV Congresso Nacional, com a Confederação dos Trabalhadores do Brasil Aliás, foi a penúltima tentativa — pois a última consagrou-se vitoriosa, durante as memoráveis greves políticas de julho e setembro do ano passado, em defesa da vontade popular e do mandato do presidente da República.

Com uma greve geral fundou-se o CGT, ou Comando Geral dos Trabalhadores, "que agora terá vida legal."

### SIGLA MALDITA

Quando se escrever a história das palavras ou siglas malditas, esta vai merecer um lugar de destaque. Desde o início do século, que os governantes perseguem com um zelo impressionante tudo que sugere Confederação, central, comando, clube, círculo, caixa ou centro geral dos trabalhadores — CGT. Ninguém, nenhum presidente até então tinha tido estômago para engolir essa afronta das massas trabalhadoras, ou, pelo menos, coragem para enfrentar os patrões retrógrados e fazer respeitar a letra constitucional. CGT tornou-se, assim, uma sigla maldita.

Por que essa auréola diabólica em torno de tão inocente grupo de letras?

— É contra a estrutura do sindicalismo brasileiro. O CGT se caracteriza pela ação desagregadora, de agitação e de ameaça às próprias instituições vigentes — eis como as entidades e representantes patronais explicam a impiedosa perseguição que movem aquele organismo.

— Que pensam os trabalhadores?

— Os trabalhadores não "pensam" a esse respeito.

Nos organismos e fazemos funcionar a entidade, pois é um direito que a Constituição nos concede. "Mas" fecharam muitos os muitos CGTs, não fundamos e demos vida a outras tantas. Daí não temos que nos sentir "muito tempo, mas é importante a realizar."

### CRUELDADE PATRONAL

A história das CGTs brasileiras é apenas uma síntese da crueldade patronal. Confunde-se com a luta de classes em todas as suas manifestações e reflete com a maior exatidão o princípio de "dividir para dominar".

Tudo se resume na tática patronal de impedir que os trabalhadores se agrupem para que possam lutar pelos seus direitos. Desde 1892 que as massas proletárias do nosso país tentam organizar-se numa entidade de âmbito nacional, que atendesse, inclusive, aos seus objetivos políticos. Em 1895 conseguiram fundar o Partido Operário Progressista. Em 1905 o Clube Democrático Socialista, este em São Paulo. Ambos, entretanto, de vida efêmera, pois à inexperiência dos seus dirigentes (ingênuos, idealistas, quase todos anarquistas) juntavam-se os obstáculos criados pelas classes dominantes, que de maneira alguma desejavam a existência de um instrumento para defender os trabalhadores.

Mas, apesar de todas as perseguições os trabalhadores brasileiros conseguiram fundar a Confederação Operária Brasileira.

Conta um velho operário, hoje aposentado: — Foi em 1906 que a COB nasceu. Eu era moço de entusiasmo e de ideias, mas era uma criança em questões de organização. Não éramos um grupo de bebês, não que dissessemos à atividade sindical e política.

O homem ri, lembrando aquela fase da sua vida: — Como éramos ingênuos! Tínhamos uma bandeira de luta, que era resistir contra as condições de trabalho, mas não sabíamos como carregá-la com maior eficiência. Mas, cada dia era uma lição a mais e cada violência da polícia brotava em todos maior disposição em resistir e avançar. A Europa vibrava sob o impacto das lutas revolucionárias, das insurreições contra os privilégios de castas e nós íamos aprendendo tudo, absorvendo as experiências que mandavam nossos irmãos de terras distantes.

Em 1908 — prossegue — a COB era uma potência, isto se consideramos a época e as condições do país.

Que fazer?

A COB mergulhou a fundo nas lutas econômicas,

comandou e estimulou campanhas contra a carestia, pela redução das horas de trabalho, por melhores salários, pela dispensa indiscriminada de trabalhadores. Isso foi o nosso a-b-c. Em pouco tempo a Confederação Operária Brasileira estava espalhada pelos Estados do Rio, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Distrito Federal e outros e sua importância aumentava constantemente.

As vitórias conquistadas se traduziram em maior entusiasmo e fortalecimento da COB. Partimos para greves de maior envergadura, enfrentando de peito aberto o próprio Governo. Ainda em 1908, lideramos a campanha popular contra o serviço militar obrigatório e contra o fuzilamento de um anarquista espanhol. Apoiamos a revolta de João Cândido, arremetimos a opinião pública em favor do marujo heróico que se levantou contra o regime de chibata nas forças armadas.

Nessa altura a reação tomou-se de pânico. Eia não desejavam que os trabalhadores tivessem voz e vez, não queriam que as massas se fizessem ouvir e tivessem seus direitos respeitados.

E começou — acrescenta — a ofensiva contra a COB, essa gloriosa matriz do valente CGT atual!

### O PELEGO

Uma interessante coincidência ocorreu no movimento sindical brasileiro: o pelego nasceu precisamente para impedir que os trabalhadores se congregassem numa entidade nacional; esta agora se torna uma realidade, quando a sinistra figura desse marginal começa a desaparecer do sindicalismo brasileiro.

Foi em 1912 que o pelego apareceu no movimento sindical do Brasil. Pela mão do governo, o marechal Hermes da Fonseca, que escolheu o seu filho, tenente Mário Hermes, para a tarefa imunda.

Como poderia aquela altura um estranho penetrar no movimento sindical? Pela corrupção e pela violência oficializada.

Hermes da Fonseca, simultaneamente com a perseguição que moveu aos dirigentes da COB convocou e patrocinou um "congresso" operário, que se realizaria no Palácio Monroe.

As multidões assalariadas consideraram "uma palhaçada" esse congresso, mas a semente do mal estava lançada. O pelego, foi estimulado e protegido, ganhou terreno, fez carreira. Para ele passaram a ser dirigidas todas as atenções oficiais, enquanto que aos legítimos líderes sindicais se movia impiedosa perseguição.

Poi, portanto, Mário Hermes, filho do próprio presidente da República, o pai dos perigos atuais, felizmente em fase de extinção.

— Mas a COB já era uma realidade nacional — volta a falar o velho trabalhador — e a guerra que se aproximava nos encontrou com disposição de luta. De 1914 a 18 realizamos magiços movimentos contra a guerra e em favor da paz, mesmo tendo contra nós a polícia, os militaristas e os comerciantes que lucravam com o conflito.

O pelego fixou-se mas jamais teve força para sufocar o sindicalismo desenvolvido pelo governo. As greves e as manifestações trabalhistas se sucederam na segunda década deste século, ganharam amplitude nos dois anos seguintes, foram reforçadas pelos movimentos revolucionários. Nem a fúria assassina e reacionária de Washington Luis e Bernardes conseguiram abafar o ímpeto dos trabalhadores, cujo número cresceu com o começo da industrialização do país.

Em 1929 — em pleno regime do "problema social" é caso de polícia — realizou-se mais um Congresso Sindical Nacional e mais uma vez surge uma entidade dos trabalhadores brasileiros, a Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil.

Durou pouco, pois foi absorvida e liquidada pela revolução de 30. Começou, então, a longa noite para o movimento sindical do Brasil.

Um pesadelo que durou 15 anos.

Durante esses anos a vida sindical caiu na clandestinidade. O que tinha o nome de "vida sindical" na década mais era que o prolongamento dos órgãos do Ministério do Trabalho, que através de leis paternalistas amordaçou todas as lutas de profundidade.

Centenas de sindicatos sofreram intervenção, milhares de dirigentes sindicais conheceram os cárceres e a crueldade dos policiais da ditadura. Criaram-se leis fracionando os sindicatos, tirando-lhes a força, quebrando a unidade, separando os companheiros da mesma profissão.

Até 1945, a partir de 1930, os sindicatos eram apenas um apêndice do governo. Fracassaram em todas as tentativas de resistência contra essa situação, como a Confederação Sindical Unitária, débil tentativa de reagrupar as forças proletárias esparsas pela ditadura. As perseguições continuaram e chegaram ao cúmulo quando o próprio governo tentou impingir representantes patronais para fiscalizar a aplicação dos recursos das entidades.

A tanto chegou o oficialismo na sua cruzada contra a luta do trabalhador por melhores condições de vida.

### RECOMEÇA A LUTA

Ainda havia soldados nos campos de batalha da Europa quando os líderes sindicais brasileiros começaram a reagrupar-se. No último dia de abril de 1945 um manifesto firmado por mais de três centenas de dirigentes sindicais dava por fundado o Movimento Unificador dos Trabalhadores, "pois a luta, a organização da classe operária têm que ser realizadas à base da unidade."

Foi a primeira grande manifestação operária após o trágico hiato do Estado Novo. Foi a primeira de uma série, que culminou com o Congresso Sindical dos Trabalhadores do Brasil, em setembro de 1946. Mais de 2 mil delegados do Brasil inteiro reuniram-se no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e inauguraram o encontro, presentes o ministro do Trabalho e o representante do presidente da República.

A presença dessas duas personalidades na caravana uma cidade da qual nenhum congressista suspeitava.

Canalhas infiltrados denunciaram o Congresso ao governo, contra ele assando as maiores infâmias. Outra e seu ministro do Trabalho, Otacilio Negrão de Lima, aproveitaram-se da situação e tentam patrocinar um congresso paralelo. Este, entretanto, fracassou por completo, enquanto o outro prosseguia vitorioso e cheio de vibração, apesar do governo tentar suspendê-lo no seu terceiro dia.

Toda a fúria governamental fora provocada pela fundação da Confederação dos Trabalhadores do Brasil, que um ano depois seria fechada pelo mesmo governo, que se aproveitou para encarcerar e processar centenas de líderes sindicais e cassar a licença de inúmeros sindicatos.

Sete anos depois, em 1954, o alcaideiro Alencar Castro Guimarães suplenentava este ato proibindo a existência de Confederações não previstas "na estrutura sindical brasileira", argumento ainda hoje esgrimido pelos que tentam em separar os trabalhadores.

### NASCE O CGT

Ainda que de "sexo" ou gênero indeterminado, a CGT ou o CGT é uma realidade. Para uns, Comando Geral dos Trabalhadores. Para outros, Central ou Confederação Geral dos Trabalhadores. Para todos, porém, a entidade que defende e representa o trabalhador do Brasil.

Nasceu num movimento de rebeldia do povo brasileiro, a frente dos trabalhadores. Surgiu quase espontaneamente, em julho de

1960, quando sombras ameaças se abatiam sobre nosso país.

Jámo reconstitua, as guerras negavam posse a Juízo.

Al nasceu a CGT ou o CGT. E já nasceu fundando, lépido, valente, patriota. Enfrentou a reação armada de cambões e fôcos com que a vontade popular fosse respeitada.

Bastou uma greve geral. A primeira greve geral, política, exclusivamente política, já realizada no Brasil. Menos de três meses depois os reacionários voltavam a laçar ameaçadoramente contra o povo brasileiro, e o CGT voltou a escuridão com nova greve geral.

Consolidou-se, assim, como uma entidade vitoriosa, com raízes na massa de trabalhadores, ouvida, acatada e seguida pelas multidões, de norte a sul do país.

Em poucos meses o novo organismo representativo dos trabalhadores passou a ter vida legal de fato e adquiriu tal força que os bandeoleiros retrógrados sentem por ela o respeito devido aos fortes e poderosos.

Hoje podem combatê-la, mas o CGT é respeitado. Ninguém ousa tocar na sua atribuição, que escapam ao controle dos gabinetes ministeriais, pois emanam exclusivamente das assembleias sindicais.

Forte, poderoso e respeitado pelos trabalhadores, temido pelos patrões, o CGT é uma garantia viva para o funcionamento das Comissões Permanentes das Organizações Sindicais, para os Pactos de Unidade Inter-sindical, para os Fóruns Sindicais Estaduais e Municipais, para todas as entidades, enfim, que os trabalhadores decidam fundar para defender seus interesses.

Os patrões, as classes dominantes, não queriam que os trabalhadores brasileiros se unissem em sentido vertical. Não desejavam que o sapateiro apoiasse o bancário, que este socorresse o metalúrgico, que os três fossem defensores do servidor ou o marítimo; não queriam os patrões, enfim, que um trabalhador ajudasse outro de outra profissão.

Não queriam e fizeram tudo para impedi-lo. Mas não tiveram forças para suportar o peso e a vitalidade, a teimosia e a perseverança do trabalhador.

Em outubro próximo, no Congresso Sindical Nacional que se realizará em Recife, trabalhadores de todo o Brasil consagrarão o nascimento oficial da Confederação dos Trabalhadores do Brasil, o CGT que já existe de fato.

"Custou muito sangue e muita liberdade, sacrifícios sem conta, muito sofrimento, mas a CGT aí está" — desabafou um trabalhador.

# O GOLPE DOS GORILAS

Uma falsa intervenção na Guanabara foi o pretexto utilizado pelas forças reacionárias, com os "gorilas" à frente, para desfechar, na última semana, um golpe contra as liberdades democráticas, contra o povo brasileiro. Não fosse o grau de amadurecimento já alcançado pelas forças nacionalistas — especialmente a liderança sindical e a ofi-

cialidade patriótica das Forças Armadas — e os "gorilas" teriam consumado o plano de instauração de um "governo forte", de uma ditadura — com ou sem Câmara — que detivesse o processo democrático e amarrasse totalmente o país ao FMI.

Em que consistiu a tentativa golpista

## LACERDA, O PRETEXTO

A sinistra trama gorilista pretendeu utilizar como pretexto o titer Carlos Lacerda ou, mais exatamente, os insultos de caráter pessoal por ele lançados contra o presidente João Goulart, na catilinária proferida através da televisão no

dia 1.º. Deve-se, aliás, assinalar a circunstância de ter havido um surpreendente espaço de três dias entre o discurso de Lacerda e as reações oficiais ou semi-oficiais de desagravo ao sr. Goulart.

Na crista desse desagravo, precisamente, se desdobram os acontecimentos: intervenção na Guanabara; repressão às forças nacionalistas, a título de "combate ao extremismo"; intervenção em Pernambuco, contra o governo democrático de Miguel Arraes; subordinação total da política externa e interna ao governo norte-americano e ao FMI, levando-se às últimas e desastrosas consequências a política econômico-financeira posta em prática, mas não sem resistências, pelos srs. San Tiago Dantas, Antônio Balbino e Celso Furtado, e recuando-se da linha de defesa da autodefinição de Cuba.

Para desferir esse golpe, os "gorilas" (e por trás deles, naturalmente, as raposas da política dominante) lançaram mão de uma manobra infame, explorando a natural receptividade popular de uma medida aparentemente radical contra o apátrida Carlos Lacerda, tentaram envolver o Comando Geral dos Trabalhadores, a Frente Parlamentar Nacionalista, a União Nacional dos Estudantes e outras organizações patrióticas numa sangrenta cilada, sob a promessa de "acabar com a prepotência de Lacerda".

Organizaram e anunciaram amplamente (inclusive através da Agência Nacionalistas) para a tarde do dia 4, no Largo do Machado, que terminaria com uma passeata até o Palácio da Guanabara, onde então "a coisa seria decidida". O comício foi articulado pessoalmente pelo general Albino Silva e pelo Sr. Crokkrat de Sá, assessor sindical do presidente da República. Aos trabalhadores foi assegurado que o comício contava não só com o apoio, mas com a cobertura do dispositivo militar nacionalista.

Os dirigentes sindicais e estudantes, no entanto, não se deixaram cair na manobra do envolvimento. Procuraram testar as informações dos emissários vindos de Brasília e, após os contactos mantidos sobretudo nos setores militar e parlamentar, firmaram a convicção de que o que se tramava era uma fria e monstruosa cilada, em cuja direção ostensiva apareciam os generais Amauri Kruei, ministro da Guerra, e Albino Silva, chefe da Casa Militar da Presidência da República. Prendia-se lançar os trabalhadores e os estudantes numa aventura, sem cobertura, para desencadear-se, em seguida, toda uma série de medidas repressivas. O comício e a marcha sobre o Guanabara, naturalmente metralhados pela polícia de Lacerda, ofereceriam, ao mesmo tempo, o pretexto para a intervenção (a "insegurança" existente no Estado) e para o desencadeamento de uma onda terrorista antidemocrática (a "subversão da ordem").

A partir daí seria pôsto em prática em toda a sua extensão o esquema "gorilista", incluindo desde a intervenção federal em Pernambuco e a agressão ao movimento sindical até o desmantelamento do dispositivo militar nacionalista, visando em primeiro lugar o comandante do I Exército, general Osívino Ferreira Alves.

DISCURSO DE MARILIA

Na linha dos objetivos da articulação Kruei-Albino, está o discurso proferido na noite do dia 4 pelo sr. Goulart em Marília, São Paulo. Distanciando-se de maneira sensível de seus habituais pronunciamentos, o presidente da República formulou em Marília a plataforma de um governo aberto, de direita. Recebeu logo os aplausos dos setores mais reacionários do País, inclusive o sr. Ademar de Barros. Nesse discurso, o sr. Goulart, depois de "justifi-



## O Discurso de Osívino

durante as solenidades comemorativas de mais um aniversário do Batalhão de Guardas, no último sábado, 6 do corrente, o general Osívino Ferreira Alves, comandante do I Exército, pronunciou o importante discurso, cuja íntegra reproduzimos abaixo:

— Meus prezados comandados deste batalhão. Na data de vossa aniversário eu me sinto, como todo chefe de família unida, na satisfação de vê-los aqui reunidos e aproveito este momento para lhes transmitir também os efusivos cumprimentos de todos os vossos irmãos do I Exército. E é perante vós e por vós intermédio, meus caros comandados, que também me dirijo a todos os comandantes do I Exército. A todos os comandantes e comandados. Aqui estamos para celebrar mais um aniversário deste glorioso Batalhão de Guardas.

Guardas somos todos da Pátria e do seu povo. Guardas atentos e vigilantes somos todos nós, militares e civis, que no momento atual assistimos estarecidos a confusão propagada e a tergiversação organizada das idéias e das intenções de todos aqueles que vêm, com os olhos na esperança, o futuro do Brasil construído pelos brasileiros e para os brasileiros. Saímos de dois pequenos episódios sem ligarmos a esse expediente, que é um instrumento dos inimigos de nossa liberdade econômica.

Pessoalmente, sou alvo de uma desinformação intencional de nossas idéias e de nossos propósitos. Temos sido tão claros e tão coerentes que não nos atingem as designações exaustivamente planejadas. Entendemos o desenvolvimento de nosso país e desejamos ardentemente uma justiça social que nos dê tranquilidade e

nos dê paz. Por isso pedimos a Deus que conceda aos nossos líderes a graça que lhes permita compreender que sem modificar essa velha estrutura econômica e administrativa jamais poderemos incorporar à Nação os milhões de patriotas de nós separados pela miséria, pela doença e pelo analfabetismo.

Envelhecidos na carreira das armas, sempre tivemos por norma auscultar as aspirações de nossa gente e de nosso povo tão bem sintetizadas nas últimas mensagens do chefe supremo das Forças Armadas e líderes incontestes das massas no Congresso Nacional. Sentimo-nos, pois, à vontade para dizer-lhes que dentro desta carreira de renúncia e obediência, que é a militar, jamais tivemos tanto orgulho em obedecer quanto nesta hora em que percebemos pleno apoio e incentivo a sua excelência, o senhor presidente da República, o Getúlio redivivo, às reformas de base e aos legítimos anseios dos trabalhadores. Nunca como na época que atravessamos, poderia sua excelência contar com mais amplo e irredutível apoio da nacionalidade e das Forças Armadas para conseguir os magnos objetivos de seu governo, sem permitir traçamentos e ofensas às liberdades públicas, à democracia, às autoridades e aos reais interesses nacionais.

É fácil insultar. É fácil difamar. É fácil destruir. É fácil dizer que somos todos nós, inclusive o presidente da República, revolucionários. A verdade, porém, é que a revolução está sendo meticulosamente plantada, desejada, pelo que se opõem ao desenvolvimento em termos brasileiros e à liberdade dos que trabalham no campo. A verdade é que a revolução está sendo semeada e adubada pelo que desejam a manutenção de pri-

vilégios e espalham intranquilidade, impedindo o Governo de trabalhar.

Basta examinar de onde procede o militar do Brasil para vermos que as casernas são quartéis do povo.

Não. Não nos afastaremos dessa orientação e desses ideais que sempre encontramos em perfeita sintonia com sua excelência o presidente da República, senhor João Goulart. Não. Não seria agora, solidado do Brasil, que este velho chefe, já encanecido na luta contra os fariseus, iria trair seus princípios e o seu povo. Não me venham, os que sempre foram inimigos das instituições, badernes profissionais, dizer que os defensores das reformas de base são extremistas. Cremos que as defendendo prestigiamos a democracia, o Congresso, e, sobretudo, selamos pela segurança nacional. A maneira mais fácil de defender a democracia é praticá-la. É torná-la dinâmica para que se abram as portas às modificações exigidas pelo povo. É impedir injustiças. É estender a mão aos deserdados da sorte.

Nessa linha nacionalista, de inteiro respeito às instituições, é que nos mantivemos nos últimos acontecimentos. Graças a Deus tivemos a compreensão do povo e da tropa. Graças a Deus esperamos ter força para defender o Governo, que nesta oportunidade histórica tem em seu leme um nacionalista ponderado, mas firme em seus intuitos de liberar econômica e socialmente o Brasil. Neste momento, dirigindo-me a todo o povo do Brasil, proclamo bem alto e solenemente que majestade mais expressiva não poderia desejar numa missão do I Exército do que a de dar garantia ao povo para que ele se reúna em praça pública a fim de desagravar seu presidente e manifestar suas justas aspirações.

car-se" em face dos ataques desfechados por Lacerda, repete os mais velhos chavões do anticomunismo, assume uma atitude agressiva em relação a Cuba e "argumenta" a seu favor, não com a opinião do povo brasileiro, mas com os editoriais do "New York Times".

O discurso de Marília apresentava uma tomada de posição do presidente da República: seu apoio e sua cobertura ao plano antidemocrático cuja execução se pretendia iniciar poucas horas antes na Guanabara.

## MANOBRA FRUSTRADA

Essa primeira manobra fracassou. Como foi dito de início, os dirigentes sindicais, agrupados no Comando Geral dos Trabalhadores, recusaram-se a embarcar na canoa furada com que lhes acenaram os generais Amauri Kruei e Albino Silva e o sr. Crokkrat de Sá. Perceberam em tempo que a reação procurava arrastá-los a uma sangrenta cilada e decretaram o fracasso do "comício", por cima do CGT, dos sindicatos e dos membros não conseguiram levar um só operário nem um só estudante ao Largo do Machado. O movimento sindical e, em geral, as forças nacionalistas davam uma magnífica demonstração de maturidade política.

Também no seio das Forças Armadas os "gorilas" não conseguiram transpor as barreiras levantadas pelos militares patriotas, especialmente pelo Comando do I Exército.

A pronta e vigorosa reação ao plano golpista é o que explica o discurso "sático" do sr. João Goulart no Centro XI de Agosto em São Paulo, 24 horas depois do discurso de Marília.

## KRUEI x OSVINO

Os "gorilas", no entanto, não se deram por vencidos. Procuraram recompor-se e voltar ao ataque. Dessa feita o pretexto foi o discurso pronunciado pelo general Osívino Alves na solenidade de aniversário do Batalhão de Guardas. O comandante do I Exército reafirmou, nessa oportunidade, a posição da oficialidade patriótica das Forças Armadas e assegurou que as forças sob o seu comando estarão ao lado do povo e dos trabalhadores, inclusive para garantir-lhes os direitos de reunião e de manifestação do pensamento.

As palavras do comandante do I Exército conti-

nam uma condenação às manobras golpistas e, na linha do discurso do sr. João Goulart no Centro XI de Agosto, representavam uma garantia de cobertura para o comício convocado pelo CGT, FFN, UNE e UBES para o dia 10, na Esplanada do Castelo.

A partir desse instante, a reação desencadeou furiosa campanha contra o general Osívino Ferreira Alves, exigindo do sr. Goulart a sua cabeça. Ao mesmo tempo, investiam contra o comício e as entidades democráticas que o convocavam.

Abriu-se então o conflito, que vinha se mantendo mais ou menos nos bastidores, entre o ministro da Guerra e o comandante do I Exército. Kruei — que fracassara na primeira tentativa golpista — exigia do presidente da República a autorização para prender o general Osívino, como novo ponto de partida para a "gorilada". Enquanto em torno de Kruei se reuniam as forças mais reacionárias (numa cerimônia militar em que foi homenageado, dia 9, estavam representantes oficiais da Associação Comercial e da Associação dos Bancos), ao lado do general Osívino Ferreira Alves colocaram-se todas as forças democráticas, civis e militares, e a opinião pública. O sr. João Goulart procura estabelecer — um "acordo de cavalheiros" em nome, como sempre, de uma "falsa paz social".

No momento em que redigimos esta nota, a crise político-militar se desenvolve. Kruei não teve força para prender e afastar o general Osívino, embora continue ainda à frente do Ministério da Guerra. A demissão de Kruei, irremediavelmente comprometido nas últimas manobras "gorilistas", é uma exigência do povo brasileiro.

UNIDADE E LUTA

Os presentes acontecimentos políticos encerram importantes advertências e ensinamentos para as forças nacionalistas e democráticas, para todo o povo brasileiro.

A primeira dessas advertências é a que se refere à ameaça das articulações golpistas, às manobras "gorilistas", cuja frente aparecem ostensivamente os generais Kruei e Albino. Os "gorilas" estão convencidos de que só com o Poder totalmente em suas mãos haverá "estabilidade" para levar-se à prática a política econômico-financeira dos

se realizado. Essa pressão foi feita inclusive pelo sr. Leonel Brizola, logo ao chegar de Brasília, na última segunda-feira. A liderança do PTB na Guanabara, na pessoa do deputado Balduino Coelho, teve nesse episódio um papel lastimável, objeto de mais duras críticas dos trabalhadores cariocas.

Considerando as diversas circunstâncias, e após uma prolongada reunião na tarde de terça-feira, os promotores do comício decidiram suspender a sua realização, divulgando o comunicado que publicamos nesta edição. O deputado Marco Antônio Coelho, foi um dos participantes da reunião, na qual defendeu a realização do comício, como um direito que têm as forças nacionalistas e democráticas de lutar em praça pública pela emancipação nacional e a democracia, fazendo ver ao mesmo tempo que o ato teria a sua significação diminuída e nesse caso não se justificaria, se dele não participassem todas as forças que o haviam convocado.

No comunicado em que se anuncia a decisão de adiamento do comício, o Comando Geral dos Trabalhadores, a UNE, a UBES e os parlamentares nacionalistas conclamam o povo brasileiro a manter-se vigilante e mobilizado contra as manobras golpistas e por suas reivindicações.

Por fim, os últimos acontecimentos deixam perfeitamente claro que sómente uma vasta mobilização das massas, de todas as forças nacionalistas e democráticas, pode assegurar a aprovação e aplicação das reformas de estrutura, e a aprovação de uma política econômica e financeira de nosso país, pelo imperialismo norte-americano, pode determinar a adoção de uma política independente e progressista, diferente da orientação que vem sendo imprimida, particularmente, no setor econômico-financeiro.

Na luta para esmagar as manobras "gorilistas", para conseguir as reformas de base e uma política econômico-financeira nacionalista, podem e devem unir-se todos os patriotas, todos os democratas.

## Comunidade das forças populares

# Vigilância Contra "Gorilismo"

Reuniões terça-feira, dia 9, na sede da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), dirigentes sindicais e estudantes, e deputados da Frente Parlamentar Nacionalista decidiram lançar importante "Comunicado ao Povo", em vista da situação nacional.

Participaram da reunião os membros do CGT, da UNE e da UBES, e os deputados Bocayuva Cunha, Eloy Dutra, Sérgio Magalhães, Max da Costa Santos, Garcia Filho, Marco Antônio Coelho, Demisthóides Baptista, Benedito Cerqueira e Doutel de Andrade.

## O COMUNICADO

É o seguinte o texto do documento aprovado na reunião de terça-feira:

"Os recentes acontecimentos verificados na Guanabara, foram firmados, entre as classes trabalhadoras e as forças progressistas, a convicção de que está em mar-

cha, no Brasil, uma conspiração de direita, visando impedir as reformas de base, a efetivação de uma linha de conduta externa independente, e a promoção de uma política econômica e financeira de sentido popular.

"Vivemos, em consequência, uma crise política de profundidade, em cujo processo as forças interessadas naquela conspiração não se cansam de tramocar contra as liberdades democráticas e contra as organizações sindicais, estudantis e camponesas.

"Diante desse quadro, impõe-se a imediata mobilização de todas as forças realmente interessadas no progresso do país para o combate impenitente a todos aqueles agrupamentos representativos do reacionarismo patriótico. Não há lugar nesta luta para os adeptos de uma política de complacência, nem para aqueles que não se sentem em condições de demonstrar clareza

de rumos e de determinação. Nenhumha conciliação pode ser tolerada ao preço do sacrifício popular e dos legítimos interesses de emancipação do país.

"Consideramos imprescindível, assim, fortalecer o dispositivo militar nacionalista, a fim de levar o "gorilismo" militar e civil a uma derrota definitiva.

"Os trabalhadores, os estudantes e os parlamentares nacionalistas, em comunhão com todos os sinceros patriotas civis e militares, iniciam a partir de agora um amplo movimento de unificação de suas forças, decididas a não transigir com os inimigos do povo e da Nação.

"Adiando a concentração popular convocada para amanhã, dia 10, conclamamos o povo para que se mantenha em estado de alerta e de permanente mobilização, a fim de enfrentar com a presteza necessária as ameaças que a situação está a anunciar".

# NOVOS RUMOS